

JOÃO GUILHERME CAMARANO ZANGRI

**OS IMPACTOS DA CHINA NAS RELAÇÕES COMERCIAIS BRASILEIRAS COM
A AMÉRICA LATINA**

Curitiba 2015

JOÃO GUILHERME CAMARANO ZANGRI

OS IMPACTOS DA CHINA NAS RELAÇÕES COMERCIAIS BRASILEIRAS COM A
AMÉRICA LATINA

Monografia desenvolvida junto ao professor orientador, como requisito básico para a Conclusão do curso em Bacharelado em Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Professor Dr. Paulo Mello Garcias.

CURITIBA 2015

TERMO DE APROVAÇÃO

JOÃO GUILHERME CAMARANO ZANGRI

OS IMPACTOS DA CHINA NAS RELAÇÕES COMERCIAIS BRASILEIRAS COM A AMÉRICA LATINA

Monografia aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. PAULO MELLO GARCIAS
Setor de Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Federal do Paraná

Profa. Dra. ANA LUCIA JANSEN DE MELLO DE SANTANA
Setor de Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Federal do Paraná

Prof. Dr. JOSÉ GUILHERME SILVA VIEIRA
Setor de Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Federal do Paraná

Curitiba, 2015

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é realizar uma análise das relações comerciais do Brasil e da China com a América Latina. Como embasamento teórico, utiliza-se as teorias do comércio internacional, desde a teoria clássica elaborada por Adam Smith e David Ricardo, até as novas teorias do comércio internacional de Porter, incorporando o aumento do conteúdo inovativo às exportações. É estimado análises gráficas criadas a partir de dados da ALADI e do Banco Mundial (WITS), de alguns países da América Latina, Com dados referentes ao Brasil e a China no período de 2002 a 2014.

Conclui-se que as relações comerciais com o Brasil expandiram nos últimos anos, mas houve, de forma geral, uma retração na participação nesses mercados em porcentagem, perdendo um pouco a sua importância. Enquanto isso, a China aumentou sua participação no comércio internacional dentro da América Latina principalmente no quesito de suas exportações, devido a sua maior competitividade. Esse resultado é explicado pela estratégia chinesa de inserção agressiva no comércio mundial, que tem sido caracterizada pelo incremento da participação de bens de alta tecnologia no total exportado. Os impactos para o Brasil no curto prazo foram amenizados devido à reprimarização da pauta exportadora brasileira e os acordos do país na região e o Mercosul.

Palavras-Chave: Brasil China, América Latina, Comercio Internacional, Competitividade.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyse the trade relations between Brazil and China with Latin America. As a theoretical basis, theories of international trade is used, from the classical theory developed by Adam Smith and David Ricardo, to the new theories as Porter of international trade, incorporating the increase in innovative content to exports. It is estimated graphical analysis created from data from ALADI and the World Bank (WITS), with a few of Latin American countries, with data relating to Brazil and China in the 2002-2014 period.

It concludes that trade relations with Brazil expanded in recent years, but there was, in general, a decrease in the percentage share in these markets, losing some of its importance. Meanwhile, China has increased its participation in international trade within Latin America mainly in the category of exports, due to its greater competitiveness. This result is explained by the Chinese strategy of aggressive participation in global trade, which has been characterised by increased participation of high-tech goods in total exports. The impacts for Brazil in the short term were minimised due to reprimarization of Brazilian exports and the country's agreements in the region and Mercosul.

Keywords : Brasil, China , Latin America, International Trade , Competitiveness.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - O MODELO DO DIAMANTE DE PORTER.....	14
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 – FLUXO COMERCIAL DA ARGENTINA COM O BRASIL E A CHINA EM DÓLARES (US\$ MILHÕES).....	20
GRÁFICO 02 – IMPORTAÇÕES DA ARGENTINA ORIUNDAS DO BRASIL E DA CHINA (%).....	20
GRÁFICO 03 – EXPORTAÇÕES DA ARGENTINA PARA O BRASIL E CHINA PARTICIPAÇÃO DO TOTAL EXPORTADO (%).....	21
GRÁFICO 04 – SALDO DA BALANÇA COMERCIAL ENTRE A ARGENTINA - BRASIL E ARGENTINA - CHINA EM DÓLARES (US\$ MILHÕES).....	22
GRÁFICO 05 – FLUXO COMERCIAL DO CHILE COM O BRASIL E A CHINA EM DÓLARES (US\$ MILHÕES).....	23
GRÁFICO 06 – IMPORTAÇÕES DO CHILE ORIUNDAS DO BRASIL E DA CHINA EM (%).....	24
GRÁFICO 07 – EXPORTAÇÕES DO CHILE PARA O BRASIL E CHINA PARTICIPAÇÃO DO TOTAL EXPORTADO (%).....	25
GRÁFICO 08 – SALDO DA BALANÇA COMERCIAL ENTRE CHILE - BRASIL E CHILE - CHINA EM MILHÕES DE DÓLARES (US\$).....	26
GRÁFICO 09 – FLUXO COMERCIAL DO MÉXICO COM O BRASIL E A CHINA EM DÓLARES (US\$ MILHÕES).....	27
GRÁFICO 10–IMPORTAÇÕES DO CHILE ORIUNDAS DO BRASIL E DA CHINA (%).....	27
GRÁFICO 11 – EXPORTAÇÕES DO MÉXICO PARA O BRASIL E CHINA PARTICIPAÇÃO DO TOTAL EXPORTADO (%).....	28
GRÁFICO 12 – SALDO DA BALANÇA COMERCIAL ENTRE MÉXICO - BRASIL E MÉXICO - CHINA EM MILHÕES DE DÓLARES (US\$).....	28
GRÁFICO 13 – FLUXO COMERCIAL DO PARAGUAI COM O BRASIL E A CHINA EM DÓLARES (US\$ MILHÕES).....	29
GRÁFICO 14 – IMPORTAÇÕES DO PARAGUAI ORIUNDAS DO BRASIL E DA CHINA (%)	30

GRÁFICO 15 – EXPORTAÇÕES DO PARAGUAI PARA O BRASIL E CHINA PARTICIPAÇÃO DO TOTAL EXPORTADO (%).....	30
GRÁFICO 16 – SALDO DA BALANÇA COMERCIAL ENTRE PARAGUAI - BRASIL E PARAGUAI - CHINA EM MILHÕES DE DÓLARES (US\$).....	31
GRÁFICO 17 – FLUXO COMERCIAL DA VENEZUELA COM O BRASIL E A CHINA EM DÓLARES (US\$ MILHÕES).....	32
GRÁFICO 18 – IMPORTAÇÕES DA VENEZUELA ORIUNDAS DO BRASIL E DA CHINA (%).....	32
GRÁFICO 19 – EXPORTAÇÕES DA VENEZUELA PARA O BRASIL E CHINA EM (%).....	33
GRÁFICO 20 – SALDO DA BALANÇA COMERCIAL ENTRE VENEZUELA - BRASIL E VENEZUELA - CHINA EM MILHÕES DE DÓLARES (US\$).....	34
GRÁFICO 21 – ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DA CHINA E DO BRASIL DENTRO DA AMÉRICA LATINA EM RELAÇÃO AS IMPORTAÇÕES: VALOR TOTAL DE BENS EXPORTADOS (US\$).....	35
GRÁFICO 22 - COMPOSIÇÃO DA PAUTA EXPORTADORA DO BRASIL NOS ANOS DE 2002, 2004 E 2014 PARA A AMÉRICA LATINA.....	36
GRÁFICO 23 - COMPOSIÇÃO DA PAUTA EXPORTADORA DA CHINA NOS ANOS DE 2002, 2004 E 2014 PARA A AMÉRICA LATINA.....	37
GRÁFICO 24 – COMPOSIÇÃO DA PAUTA EXPORTADORA POR PRODUTOS EM PORCENTAGEM DA CHINA E DO BRASIL NOS ANOS DE 2002 E 2014 PARA A AMÉRICA LATINA.....	38

LISTA DE TABELAS

TABELA 01 - ÍNDICE DE COMPLEMENTARIEDADE DE COMÉRCIO - ICC - CHINA E BRASIL PARA A AMÉRICA LATINA – ENTRE 2002 E 2014.....	39
TABELA 02 - VALOR MÉDIO DAS EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA CHINA PARA A AMÉRICA LATINA – ENTRE 2002 E 2014.....	41

SUMÁRIO

1.0 INTRODUÇÃO	08
2.0 JUSTIFICATIVA.....	09
3.0 EMBASAMENTO TEORICO	10
3.1 A TEORIA CLÁSSICA DO COMÉRCIO INTERNACIONAL	11
3.2 A TEORIA NEOCLÁSSICA	12
3.3 AS NOVAS TEORIAS DO COMÉRCIO INTERNACIONAL: VERNON, LINDER E A CONCORRÊNCIA IMPERFEITA DE KRUGMAN-OBSTEFELD.....	13
3.4 A TEORIA DA COMPETITIVIDADE DE PORTER.....	14
3.5 ACORDOS OU ÁREAS DE COMÉRCIO PREFERENCIAL E ÁREA DE LIVRE COMERCIO	16
4.0 METODOLOGIA	17
5.0 A IMPORTÂNCIA DOS ACORDOS ENTRE OS PAÍSES PARA O COMÉRCIO INTERNACIONAL.....	19
5.1 ACORDOS ENTRE A CHINA E OS PAÍSES SELECIONADOS DA AMÉRICA LATINA.....	19
5.2 ACORDOS ENTRE O BRASIL E OS PAÍSES SELECIONADOS DA AMÉRICA LATINA.....	20
6.0 ANÁLISE DOS PRINCIPAIS PARCEIROS COMERCIAIS DO BRASIL NA AMÉRICA LATINA E SUA RELAÇÃO COM A CHINA.....	20
6.1 ARGENTINA.....	21
6.2 CHILE.....	24
6.3 MÉXICO	26
6.4 PARAGUAY	29
6.5 VENEZUELA.....	32
6.6 OBSERVAÇÃO GERAL.....	34
7.0 ANÁLISE DAS EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA CHINA PARA A REGIÃO.....	36
7.1 O COMPLEMENTARIEDADE COMERCIAL.....	39
7.2 VALORES MÉDIOS EXPORTADOS PARA A AMÉRICA LATINA SEPARADOS POR TIPOS DE BENS.....	40
8.0 ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS.....	41
9.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	44

1.0 INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a relação comercial entre os países da América Latina com Brasil e com a China, para isso, foi selecionado um grupo de países da América Latina que são os principais parceiros comerciais do Brasil na realização desse estudo.

O trabalho teve sua motivação inspirada em dois fatores: o crescimento da China no mercado internacional e seu avanço sobre a América Latina após ter tido sua inserção na África. Como essa estratégia chinesa pode influenciar a relação comercial do Brasil nesse mercado, uma vez que os dois países são caracterizados como países emergentes e apresentam um grande potencial na região.

Como referencial teórico, será abordado as teorias tradicionais, como, a teoria das vantagens comparativas e o modelo de Heckscher¹-Ohlin², em conjunto com as novas teorias sobre o comércio internacional. Assim, partindo das definições básicas e as principais contribuições dos autores sobre o assunto.

O principal objetivo do trabalho “Os impactos da China nas relações Comerciais brasileiras com a América Latina”, será entender como ocorreu a inserção chinesa no mercado internacional da América Latina e como isso afeta as exportações do Brasil nessa região. O período a ser analisado será no decorrer do século XXI, em especial depois da entrada da China na Organização Mundial do Comércio (WTO), portanto, essa análise se dará entre os anos de 2002 à 2014.

Para isso, o trabalho será subdividido em três objetivos secundários: O primeiro identificar os principais parceiros comerciais do Brasil na América Latina e observar a evolução da participação de comércio do Brasil e da China nesses países como indicador de competitividade e a influência dos acordos comerciais. Segundo, identificar a pauta exportadora do Brasil e da China e compará-las, para saber o nível de concorrência desses países; e terceiro, procurar possíveis explicações para os fenômenos observados, através da influência das diferenças de disponibilidade de fatores e as estratégias econômicas adotadas para o comércio internacional.

¹ Eli Heckscher (1879-1952) ficou conhecido pela sua contribuição para a teoria do comércio internacional, particularmente pela teoria dos fatores de produção. Sua contribuição para a história econômica foi notável, por combinar conhecimentos teóricos com um profundo conhecimento da história econômica.

² Bertil Gotthard Ohlin (1899-1979), foi ganhador do prêmio Nobel de economia em 1977, com o seu trabalho sobre “A Teoria do comércio Internacional e o Movimento Internacional de Capitais, dividido com o Britânico James E. Meade. Foi orientado por Eli Heckscher e seu principal trabalho foi “O Comércio Interregional e Internacional (1933).

2.0 JUSTIFICATIVA

A integração comercial entre China e a América Latina vem ganhando força nos últimos anos. Mesmo que essa relação se mostre benéfica para ambos os lados, muito deve ser observado em relação aos impactos econômicos que isso pode gerar na região em especial para o Brasil.

A China vem aumentando gradualmente sua participação no mercado internacional, devido a um grande nível de investimento direto estrangeiro desde o início da globalização nos anos 90. A moeda desvalorizada e baixo custo de mão de obra faz com que seus produtos estejam cada vez mais presentes na economia mundial. Hoje a economia chinesa é a que mais exporta no mundo, as exportações chinesas para os países da América Latina se encontra em torno de 15% do total de suas exportações.

Na visão do embaixador Rubens Barbosa “O mundo hoje é pós-ocidental, com foco na Ásia, principalmente por causa da China³.” e para o Coordenador de Pesquisas e Estudos de Economia e Política Internacional do IPEA, Marcos Antônio Macedo Cintra ⁴“A China é, sim, a nova oficina da manufatura mundial e isso é uma ameaça para o Brasil, caso o país não passe por uma estratégia de fortalecimento, principalmente na América do Sul. Ou fazemos isso ou seremos prejudicados”.

Dados levantados pela pesquisa no livro de Sarquis, José Buainain, “comércio internacional e crescimento econômico no Brasil”⁵ apontam que o comércio de bens de capital do Brasil ainda tem espaço para explorar as vantagens desse intercâmbio com o resto da ALADI⁶, em particular da perspectiva das exportações brasileiras.

Nesse cenário, esclarecer qual é o comportamento das relações comerciais dos países latino-americanos com a China no decorrer dos últimos anos e como isso afeta o comércio internacional do Brasil se mostra bem vinda, para poder tomar decisões estratégicas que diminuam as possíveis consequências para o Brasil.

³ Jornal do Senado, 2012, ver nas referências

⁴ Reportagem de Pedro Peruzzi para a Agencia Brasil, 2010, Ver nas referências

⁵ Comércio Internacional e Crescimento Econômico No Brasil, 2011, ver nas referências

⁶ ALADI é o maior grupo latino-americano de integração. É formado por treze países-membros: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, México, Panamá, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela, representando, em conjunto, 20 milhões de quilômetros quadrados e mais de 510 milhões de habitantes

3.0 EMBASAMENTO TEORICO

Devido a necessidade de explicar as trocas internacionais diversas teorias foram estabelecidas para o desenvolvimento de uma análise que retratasse o comércio internacional.

A teoria do comércio internacional clássica, baseada principalmente nos autores Adam Smith e David Ricardo, teve como princípio, contrastar as idéias vigentes na época do Mercantilismo, que se preocupava com a acumulação de metais como prata e ouro e acreditava que o comércio tinha soma zero. Nesse caso, um país só podia ganhar às custas dos outros e portanto exerciam uma política protecionista, que irá orientar todo o percurso das demais teorias, clássicas e neoclássicas.

A teoria clássica do comércio internacional teve início a partir do século XVIII, enquanto elaboravam o início da economia moderna. A teoria clássica do comércio internacional, se baseava nas vantagens comparativas, que reflete o custo de oportunidade relativa. O modelo neoclássico é representado pela teoria de Hecksher-Ohlin que parte da suposição da igualdade tecnológica entre os países para argumentar que as vantagens comparativas seriam determinada pelas dotações diferentes, abundância e escassez, dos fatores de produção, trabalho e capital, entre os países e os diferentes preços desses fatores no mercado internacional.

Portanto, a teoria de Hecksher-Ohlin sugere que o comércio é motivado pela diferença na dotação relativa de fatores entre países. Porém, a crescente divergência entre os padrões comerciais observados na realidade e as divergências com as previsões dessa teoria abriram espaço para o desenvolvimento de novas teorias para explicar o comércio internacional

As teorias clássicas e neoclássicas começaram a ser alvo de muitas críticas, pois já não eram mais capazes de explicar através das diversidades estruturais de recursos entre as nações. Assim, novas ideias, como as de Vernon⁷ e de Linder⁸, se destacaram e baseiam-se na realocação dos recursos produtivos, com a transferência dos recursos destinados à produção de bens com desvantagem comparativa para a produção de bens que têm vantagem comparativa. A evolução

⁷ Raymond Vernon (1913-1999), Professor da escola de negócio de Harvard aplicou em 1966 o modelo do ciclo do produto no âmbito internacional.

⁸ Hans Martin Staffan Burenstam Linder (1931-2000), foi o primeiro a analisar o comércio internacional pelo lado da demanda.

dessas teorias levou Porter⁹, a criar sua teoria da competitividade no comércio internacional, junto com seu modelo do diamante para explicar os fatores que levam um país a ser mais competitivo do que outros, através da transformação e renovação, de um conjunto de restrições do meio que o envolve.

3.1 A TEORIA CLÁSSICA DO COMÉRCIO INTERNACIONAL

A teoria do comércio começa com a publicação da obra *A Riqueza das Nações* (1776), de Adam Smith que procurou demonstrar as possibilidades de ganhos mútuos com o comércio internacional. Sua análise foi baseada na teoria do valor-trabalho, segundo o qual, é o trabalho que determina o valor dos seus bens, decorrente das horas necessárias para produzi-lo.

Portanto, basta que os países se especializem conforme suas vantagens absolutas, em que os termos de custos da produção sejam menores. Deste modo, propõe que os países não façam de tudo um pouco, mas apenas devem produzir e exportar os produtos em que têm maior produtividade e eficiência e importar aqueles em que os outros países são melhores.

A teoria das vantagens absolutas falhou ao explicar como um país ineficiente em termos absolutos em ambos os bens poderia participar no comércio internacional. Assim, David Ricardo propôs a teoria das vantagens comparativas ou relativas. De acordo com esta teoria, mesmo que um país apresente maior eficiência na produção de ambos os bens, poderá haver vantagens com o livre comércio para ambos os países.

Em seu livro *"Princípios De Economia Política e Tributação"*, David Ricardo da seu famoso exemplo sobre o que foi o "Tratado de Methuen" entre Inglaterra e Portugal da seguinte forma:

"Portugal necessitava de menos horas de trabalho-homem para produzir vinho e tecidos do que a Inglaterra. Mas em Portugal, o custo de oportunidade para abrir mão da produção de uma unidade de vinho a fim de produzir tecidos era maior do que especializar-se na produção de vinho e comprar os tecidos da Inglaterra. Na Inglaterra, o mesmo raciocínio funcionava de maneira simétrica: abrir mão de uma unidade de produção de tecidos era menos eficiente que especializar-se na produção de tecidos e comprar o vinho de Portugal. Assim, o comércio internacional sob condições de livre concorrência faria ambos os países especializarem-se na produção dos bens em que tinham maiores vantagens comparativas, e aumentaria o potencial de acumulação em ambos." (Ricardo, D. 1996, Pág. 11).

⁹ Michael Porter, nascido em 1947, é professor da Havard Business School, atualmente Porter é considerado um dos maiores especialistas sobre competitividade estratégica e planejamento empresarial.

Assim, devido aos diferentes custos relativos ambos os países têm incentivos à troca. Porém, essa análise não explica diversas outras formas de comércio internacional o que levou a formulação de outras teorias que serão apresentadas a seguir.

3.2 A TEORIA NEOCLÁSSICA.

O Teorema de Heckscher-Ohlin (H-O), representa a teoria neoclássica do comércio internacional, que surgiu no início do século XX, com a publicação do artigo “Os Efeitos do Comércio Exterior sobre a Distribuição da Renda”, que partia da relação entre a abundância e a escassez dos fatores de produção de cada país.

Partindo do pressuposto da igualdade tecnológica entre os países, e assim desconsiderando a teoria das vantagens comparativas de Ricardo. Portanto a principal diferença, segundo esses autores, estaria nos custos de produção decorrente da abundância ou escassez dos fatores de produção, e essa diferença de preços criaria condições para o comércio internacional.

Para Kenen (1998, p. 71), o Teorema de Heckscher-Ohlin pode ser resumido pela afirmativa “o comércio baseia-se nas diferenças de abundância de fatores, reduzindo os efeitos principais dessas diferenças”.

O Teorema de H-O baseia-se no modelo 2x2x2, dois países, dois insumos de produção capital e trabalho e com a mesma tecnologia disponível; a *commodity X* é trabalho intensivo e a *commodity Y* é capital intensivo; ambas apresentam retornos constantes de escala em sua produção; há especialização incompleta nos dois países; preferências iguais entre os dois países; concorrência perfeita nos 2 mercados (*commodity* e fatores); internamente a cada país existe mobilidade perfeita de fatores, porém não ocorre a mobilidade internacional; não existem barreiras ou obstáculos ao livre-comércio, como tarifas ou custos de transportes, todos os recursos são plenamente ocupados em ambas as nações; e o comércio internacional, entre ambas as nações, encontra-se em equilíbrio. (KRUGMAM, Paul R.; OBSTEFELD)

Portanto, a teoria de Heckscher-Ohlin sugere que o comércio é motivado pela diferença na dotação relativa de fatores entre países. Porém, a crescente divergência entre os padrões comerciais observados na realidade e as divergências com as previsões dessa teoria abriu espaço para o desenvolvimento de novas teorias para explicar o comércio internacional.

3.3 AS NOVAS TEORIAS DO COMÉRCIO INTERNACIONAL: VERNON E LINDER E A CONCORRÊNCIA IMPERFEITA DE KRUGMAN-OBSTEFELD

De acordo com as novas teorias do comércio internacional, os padrões das vantagens comparativas passam por mudanças ao longo do tempo. O comércio de produtos industrializados não é movido pela dotação de fatores, mas sim pela diferenciação de produtos. Levando a obtenção de economias de escala, pela demanda dos consumidores e pela teoria do “ciclo de vida do produto” de Vernon.

A teoria do ciclo de vida do produto, baseia-se na diferenciação de produtos, o desempenho das exportações de um país em relação a um produto específico se alterará ao longo do ciclo de vida do produto (Vernon, 1966). O ciclo de vida pode ser decomposto por três fases distintas, a inovação, maturidade e padronização. Na primeira, a produção fica restrita aos mercados de altas rendas, onde fica sua localização, onde existe capacidade tecnológica substancial e as exportações são orientadas para países com níveis de renda parecidos. Na segunda fase, a produção de uma mercadoria em maturação tende a ser redirecionada para outros países, onde os custos de produção, e o fatores determinantes para a competição nos mercados internacionais, começam a ser mais importantes do que as características do bem. Na última fase, a produção de um produto padronizado é, em grande parte, transferida para os países que apresentam custos da mão-de-obra significativamente mais baixos do que os dos locais responsáveis pela inovação. Assim, variáveis relacionadas à tecnologia sobre os padrões de comércio têm dado suporte a essa teoria (Hufbauer, 1970).

Uma outra visão que compõe as novas teorias do comércio internacional é a de Linder, para quem o fluxo intenso de comércio, não ocorre entre os países com diferentes dotações e fatores, e sim entre países que apresentavam semelhantes níveis de renda e estruturas internas de demanda agregada. Linder mostrou que o comércio internacional nada mais é que uma extensão, além das fronteiras do país, das atividades econômicas desenvolvidas internamente (Foschete, 1999).

Defendendo a tese de que o fluxo de comércio é maior entre os países que possuem estruturas internas semelhantes, Linder sugere ainda que os países tenderão a produzir produtos destinados a atender às demandas representativas de seus próprios países e exportar esses bens que atendem a demandas típicas internas para satisfazer gostos minoritários em outros países (Foschete, 1999).

Ainda em Foschete, a demanda dos consumidores, ligada à abordagem de

Linder, varia à medida que a renda per capita vai se elevando, os consumidores vão diversificando e sofisticando seus gostos. Assim, um aumento de renda provoca não só o crescimento da demanda por mais produtos como também por produtos com maior qualidade e diferenciação.

Esse novo cenário de especialização em certos produtos por diferentes países, irá gerar ganhos de escala e o surgimento de estruturas de mercado com concorrência imperfeita, levando a lucros maiores e a mais poder de mercado. Como explicam Krugman e Obstfeld (2001), cada país especializa-se na produção de uma variedade limitada de produtos, o que possibilita produzir esses bens mais eficientemente do que se o país tentasse produzir tudo por si mesmo; essas economias especializadas comercializam entre si para que se possa consumir toda a variedade dos bens.

3.4 A TEORIA DA COMPETITIVIDADE DE PORTER

Porter (1986) faz contribuições importantes para o comércio internacional, ao enfatizar a competitividade, relacionando à produtividade e inovação das empresas para gerar vantagens competitivas. Para isso, as estratégias de Porter não visam a adaptação às condições de concorrência, mas a transformação e renovação, como foi resumido pelo próprio autor:

Estratégia é o estabelecimento dos meios fundamentais para atingir os objetivos, sujeito a um conjunto de restrições do meio envolvente supõe: a descrição dos padrões mais importantes da afetação de recursos e a descrição das interações mais importantes com o meio envolvente. (PORTER, 1986, p. 86).

Para conseguir competitividade Porter (1986) enfatiza as relações de inter-influência, para gerar tipos básicos de vantagem competitiva; como baixo custo e diferenciação, que associados ao ganhos de escala geram 3 estratégias genéricas para conseguir um desempenho acima da média.

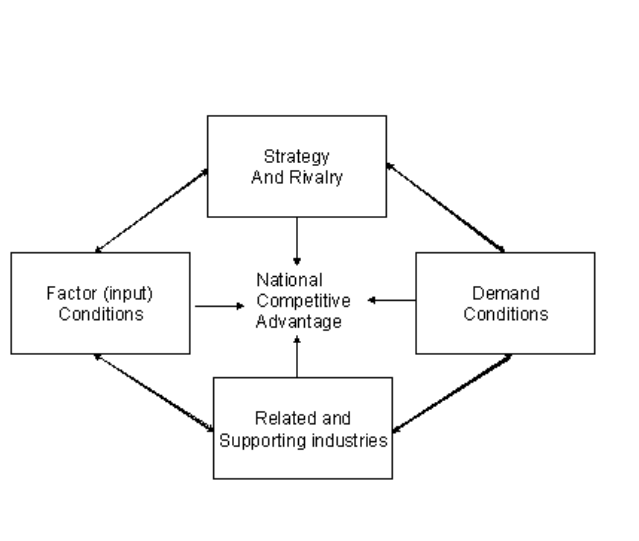
As estratégias genéricas são liderança de custo, diferenciação e foco. A primeira visa apenas o menor custo na indústria como mecanismo de defesa para diminuir a entrada de concorrentes. A segunda, a estratégia de diferenciação busca justificar os preços mais elevados por oferecer produtos ou serviços únicos, com melhor desempenho e qualidade. A terceira ocorre quando uma empresa se limita a um

segmento de mercado com uma oferta mais restrita em certa região ou linha de produtos e, assim, obtendo foco na diferenciação ou no menor custo.

Porter ao defender essas estratégias, entendeu que existem cinco forças competitivas básicas: entrada, ameaça de substituição, poder de negociação dos compradores, poder de negociação dos fornecedores e rivalidade entre os atuais concorrentes. Que tem poder de criar barreiras de entrada, que contribui para uma estrutura de comércio mais estável, assim, evitando perdas de competitividade e menor variação, tanto de vendas como de produção, por motivos externos.

Uma segunda abordagem feita por Porter foi a elaboração do Modelo Diamante (PORTER, 1990, 1998) com uma solução esquemática que lembra a forma de um diamante, une os pontos responsáveis pela criação de vantagens competitivas para uma indústria, uma nação ou uma região (AMARAL FILHO, 1999).

FIGURA 01 - O MODELO DO DIAMANTE DE PORTER



FONTE: JOURNAL OF KNOWLEDGE MANAGEMENT PRACTICE, JUNE 2003

O modelo do diamante de Porter evidencia a interdependência desses quatro determinantes, a estratégia e rivalidade, as condições de demanda, os fatores de condições e as indústrias correlacionadas que compõem o modelo, ao se criar uma harmonia na integração desses quatro fundamentos, há a criação de um ambiente, que possibilita maior competitividade nacional.

A organização que melhor entender essa correlação de fatores, poderá desenvolver uma estratégia para tirar proveito desse conhecimento e construir uma

infra-estrutura de apoio à criação, aquisição, integração, distribuição e aplicação desse conhecimento, onde os fluxos de conhecimento podem ser devidamente aproveitados.

3.5 ACORDOS OU ÁREAS DE COMÉRCIO PREFERENCIAL E ÁREA DE LIVRE COMÉRCIO.

A Teoria da integração econômica, aborda políticas para a eliminação de barreiras comerciais entre um determinado conjunto de países. Existem vários níveis de integração, entretanto, vamos citar apenas o primeiro estágio.

Os Acordos ou Áreas de comércio preferencial ajudam na redução ou eliminam as barreiras comerciais entre nações envolvidas (economia como um todo, ou grupo de produtos). Essas políticas são independentes em relação ao resto do mundo, ou seja, o que se acorda entre dois países não necessariamente entra em vigor com os demais países.

As áreas de comércio preferencial ajudam no aumento de negociações mediante a aplicação de margem de preferência, uma porcentagem na redução dos tributos, é considerado um estágio prévio de blocos econômicos, tendo como exemplo a ALADI – Associação Latino-Americana de Desenvolvimento e Integração¹⁰.

¹⁰ Informações presentes no Website <<http://www.camara.gov.br/mercosul/blocos/introd.htm>> Acesso em 27 de outubro de 2015.

4.0 METODOLOGIA

Para iniciar a elaboração do trabalho foi realizado um levantamento dos países Latino Americanos que mais fazem comércio com o Brasil. Com base nesses países, será realizada uma análise sobre o progresso do comércio do Brasil e da China. A identificação foi feita por estatísticas disponíveis na base de dados da ALADI sobre fluxo comercial.

Os acordos ou áreas de comércio preferencial, conseguem explicar muito sobre o padrão de comércio entre dois países. Então, uma pesquisa sobre quais são os acordos vigentes entre Brasil e a América Latina, assim, como os da China com a região, será essencial para conseguir entender parte dos ganhos ou perdas de mercado desses dois países. A partir dessas informações será realizada uma análise de como foi a evolução do comércio desses dois países, Brasil e China, e como oscilaram as suas participações na região. Levando em consideração os acordos ou áreas preferenciais de comércio pretende-se, portanto, verificar como isso influenciou a competitividade do Brasil na região.

Uma segunda análise será baseada na pauta exportadora, cesta de produtos exportados, do Brasil e da China para a América Latina. Busca-se verificar como se comportaram as importações dos países latino americanos, de produtos oriundos da China e do Brasil, identificando qual o tipo de produtos que cada país mais exporta e como variou sua participação dentro da América Latina. Nessa seção, foram utilizados dados do “World Integrated Trade Solution” (WITS) de como é o perfil exportador de cada país dentro da América Latina, em valores totais (Milhões de Dólares), dividido por tipo de produto e categoria. A partir desses dados será possível analisar se os produtos Brasileiros e Chineses apresentam o mesmo perfil e se são concorrentes diretos ou não. Os dados em análise foram selecionados respeitando um intervalo de 6 anos entre um gráfico e outro, cobrindo portando, os dados de 2002, 2008 e 2014. Para tanto, houve a divisão em quatro subíndices, ou seja, matéria-prima, bens de consumo, bens intermediários e bens de capital, onde:

- Matéria Prima: Produtos que não sofreram nenhuma modificação (commodities);
- Bens de Consumo: bens que são utilizados pelos indivíduos ou famílias;
- Bens intermediários: bens que são absorvidos no processo de produção de outros bens;
- Bens de Capital: bens que servem para a produção de outros bens, como máquinas, equipamentos, material de transporte e construção;

A Análise dos dados tem o intuito de verificar quais os produtos brasileiros que estão conseguindo e os que não estão conseguindo aumentar sua participação no comércio, de forma a entender os motivos que estão levando a esse fenômeno, e quais as consequências disso para o Brasil. Com essa finalidade foram, utilizados, como indicadores: a participação dos setores produtivos e o Índice de complementariedade comercial (ICC).

O índice de complementariedade de comércio, permite identificar informações importantes na perspectiva do comércio internacional. O índice compara a estrutura das importações de um país e exportações de outro, e verifica como elas se complementam.

O índice é calculado como se define abaixo:

$$ICC = 100 \times (1 - \sum (|M_{ik} - X_{ij}|/2))$$

Onde:

M_{ik} = Participação de todos os bens i importados pelo País K.

X_{ij} = Participação de todos os bens i exportados pelo País J.

O ICC varia entre 0 e 100, onde zero significa que não existe complementariedade e 100, quer dizer que as pautas são perfeitamente complementares. ou seja, o país exporta exatamente o que o outro deseja importar. Os índices com valores abaixo de 50, caracteriza baixa complementariedade e acima de 50, alta complementariedade (Hoekman, Mattoo e English, 2002).

A busca de explicações sobre os fenômenos se dará através de uma análise das estratégias econômicas adotadas pelos países, enfatizando o grau de especialização e a tecnologia agregada nos produtos para o comércio internacional.

A partir dessas informações, o trabalho busca identificar as principais tendências e se há a possibilidade de ampliar as relações comerciais, levando em consideração as diferenças de disponibilidade de fatores. Nessa perspectiva, tenta-se, explicar as exportações brasileiras para a região e quanto a China influencia nessas perdas ou ganhos de mercado do Brasil na América Latina.

5.0 A IMPORTÂNCIA DOS ACORDOS ENTRE OS PAÍSES PARA O COMÉRCIO INTERNACIONAL

Com o passar do tempo os acordos internacionais tem se tornado inevitáveis para haver uma maior aproximação do comércio e garantir uma maior eficiência dessas relações entre os países, já que a partir desses acordos é possível alcançar e direcionar o crescimento do mercado entre as partes interessadas.

Como abordado por Lopes, Renata R. e Carvalho, Carlos E¹¹.

“Os acordos bilaterais de comércio tornaram-se uma tendência mundial, explicada como reação às dificuldades experimentadas por diferentes tipos de países para fazer valer seus interesses em negociações no âmbito do multilateralismo defendido pelo Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (em inglês, General Agreement on Tariffs and Trade) e pela Organização Mundial do Comércio”(Carvalho e Lopes, 2010 Pag. 643)

5.1 ACORDOS ENTRE A CHINA E OS PAÍSES SELECIONADOS DA AMÉRICA LATINA

De acordo com o Boletim observatório ALADI-CAF-CEPAL¹², a China já possui acordos de livre comércio com o Chile, (acordo firmado em 2005), Costa Rica (acordo firmado em 2010) e o Peru (acordo firmado em 2009). No caso do Chile, além da notável ambição de reduzir a tarifa até cobrir 97% dos produtos em um prazo de dez anos, verifica-se uma longa lista de instrumentos de cooperação na parte final do acordo. Em junho de 2012, foi aprovada a incorporação do Canadá e do México às negociações do Acordo Estratégico Transpacífico da Associação Econômica (Trans Pacific Partnership). Com este acordo, os países participantes da região são três : Chile, México e Peru.

A China deixa claro que mantém um vivo interesse em avançar, cada vez mais, em suas negociações dentro da América Latina. Tentando elaborar um acordo similar, realizado com o Chile e com a Colômbia, e em negociar com os outros países do MERCOSUL. O primeiro ministro chinês, Wen Jiabao, em junho de 2012 propôs começar estudos para dar início há eventuais negociações entre o seu país e o MERCOSUL.

¹¹ Artigo para O CONTEXTO INTERNACIONAL – vol. 32, n. 2, julho/dezembro 2010 - Acordos Bilaterais de Comércio como Estratégia de Inserção Regional e Internacional do Chile.

¹² Informações disponíveis No Boletim Semestral da ALADI-CAF-CEPAL, Boletim 1, ano 2012. Ver referencias.

5.2 ACORDOS ENTRE O BRASIL E OS PAÍSES SELECIONADOS DA AMÉRICA LATINA

A Associação Latino-Americana de Integração (ALADI) foi criada em 1980, para fortalecer a união de 11 países latino-americanos, sendo a Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela. Cuba aderiu posteriormente como Membro pleno da Associação. A ALADI permite que acordos específicos sejam celebrados entre alguns países Membros sem a necessidade de estender as vantagens acordadas aos demais – os chamados acordos de alcance parcial. Portanto, a Associação Latino Americana de Integração (ALADI) visa à implantação, gradual e progressiva, de um mercado mais integrado latino-americano, caracterizado principalmente pela adoção de preferências tarifárias e pela eliminação de restrições não-tarifárias. O Brasil também inclui em sua Política de Desenvolvimento Produtivo (PDP) o tema da integração produtiva com a América Latina e o Caribe.

No ano de 1995, foi criado o Mercosul, um mercado comum entre os países membros, Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai, depois houve a inclusão da Venezuela em 2012. Cerca de 90% das mercadorias produzidas nos países membros, podem ser comercializadas sem tarifas comerciais. Alguns produtos não entraram neste acordo e possuem tarifação especial por serem considerados estratégicos ou por guardarem legislação comercial específica.

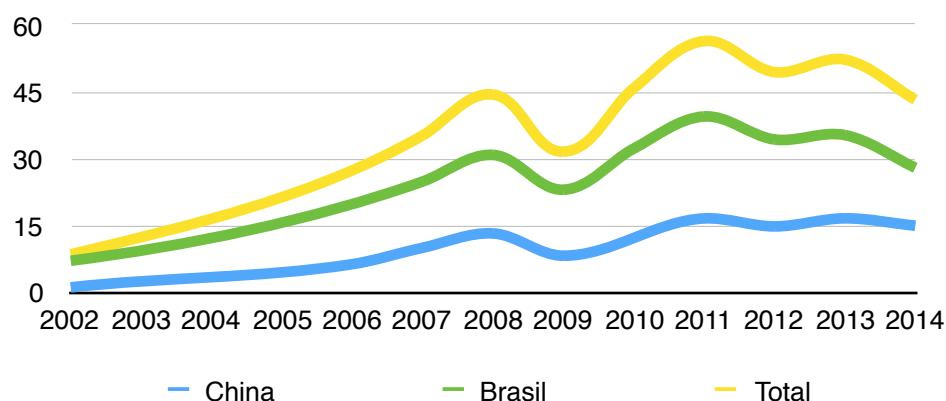
6.0 ANÁLISE DOS PRINCIPAIS PARCEIROS COMERCIAIS DO BRASIL NA AMÉRICA LATINA E SUA RELAÇÃO COM A CHINA

No decorrer dos anos de 2002 a 2014, os principais parceiros comerciais do Brasil na América Latina foram: Argentina, Chile, México, Paraguai e Venezuela. Ao considerar o fluxo comercial dos demais países da região com o Brasil, estes participam apenas em torno de 1% do total de comércio realizado pelo Brasil. Portanto, foram escolhidos como grupo de países para análise os países supracitados, que são os cinco principais na América Latina.

Nesse capítulo serão utilizados quatro gráficos distintos por país, onde o primeiro representa as variações do fluxo comercial; segundo as importações; o terceiro exportações e; quarto o saldo da balança comercial. A apresentação começa pela Argentina, seguida pelo Chile, México, Paraguai e, por fim, Venezuela.

6.1 ARGENTINA

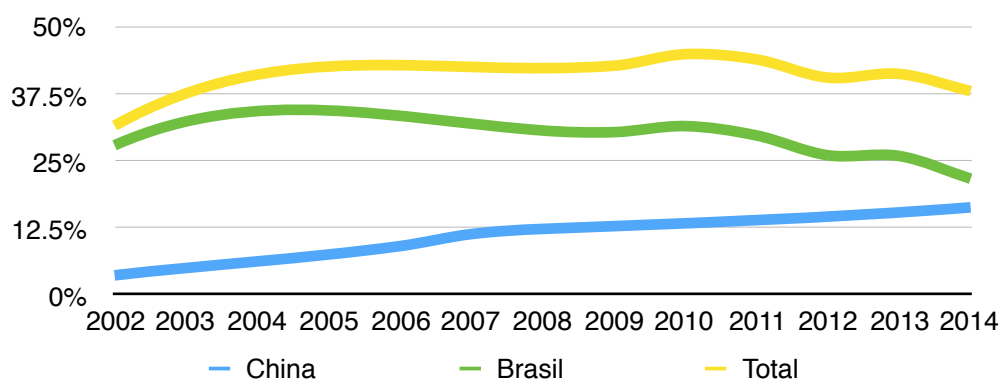
GRÁFICO 01 – FLUXO COMERCIAL DA ARGENTINA COM O BRASIL E A CHINA EM DÓLARES (US\$ MILHÕES).



FONTE: ALADI, ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

A partir do gráfico acima, é possível notar uma elevação considerável no nível de comércio pela Argentina, no que se refere as suas relações com o Brasil e a China. Ocorre, nesse período, um aumento do fluxo comercial com ambos países até 2011, mas com tendência de queda, principalmente do Brasil, nos últimos anos. Deixa visível no entanto, a maior importância do Brasil no comércio externo da Argentina, obtendo duas vezes mais intensidade de fluxo do que com a China.

GRÁFICO 02 – IMPORTAÇÕES DA ARGENTINA ORIUNDAS DO BRASIL E DA CHINA (%)

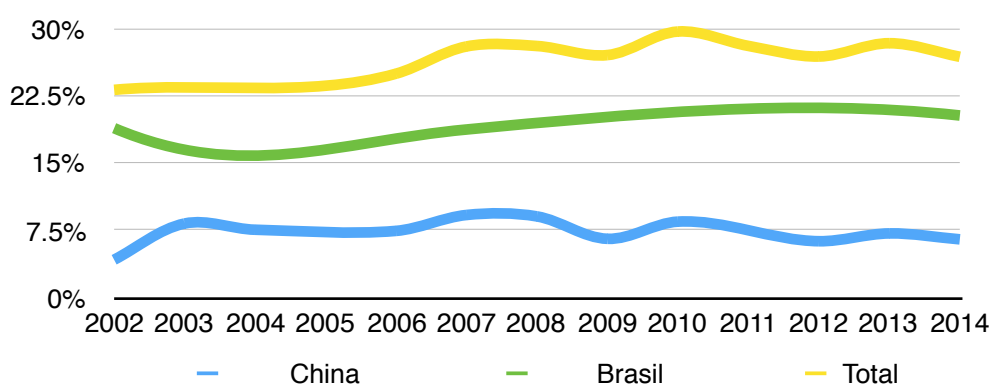


FONTE: ALADI, ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Ao analisar a evolução da participação do Brasil no mercado da Argentina, este apresenta uma tendência de queda em termos da sua participação nas importações da Argentina, desde 2005. No início do período, em 2002, o Brasil correspondia com algo em torno de 35% do total das importações Argentinas, e passa para 22% em 2014. Por outro lado, a China teve um crescimento bem agressivo no mercado argentino, saindo de menos de 5% em 2002, e aumentando sua participação expressivamente até 2014, quando atinge algo em torno de 17%.

As exportações brasileiras e chinesas respondem com mais de 37.5% do total das importações argentinas. Indicando grande importância desses dois países para a economia do País. Porém, como as importações totais mantiveram-se constantes, enquanto o Brasil perdeu participação, enquanto a da China aumentou suas exportações. Este resultado revela que pode estar ocorrendo uma substituição de importações que inicialmente eram oriundas do Brasil para as que sejam oriundas da China.

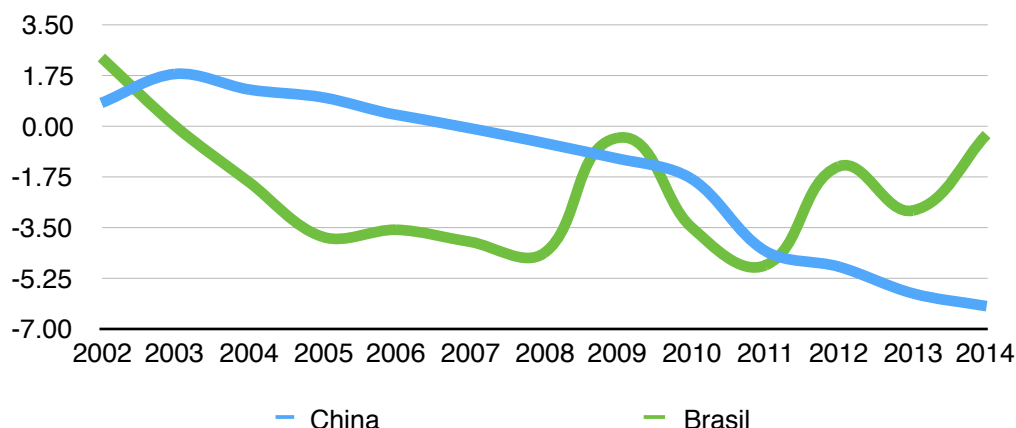
GRÁFICO 03 – EXPORTAÇÕES DA ARGENTINA PARA O BRASIL E CHINA PARTICIPAÇÃO DO TOTAL EXPORTADO (%)



FONTE: ALADI, ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Diferentemente das importações argentinas, as exportações desse país para o Brasil sofreu uma queda no início do período e aumentou no decorrer dos anos, atingindo uma participação maior, algo em torno de 2% superior ao do no início da período, beirando 22.5%. Enquanto isso, as exportações para a China se mantiveram constantes, com algo próximo de 7.5%.

GRÁFICO 04 – SALDO DA BALANÇA COMERCIAL ENTRE A ARGENTINA - BRASIL E ARGENTINA - CHINA EM DÓLARES (US\$ MILHÕES)



FONTE: ALADI, ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

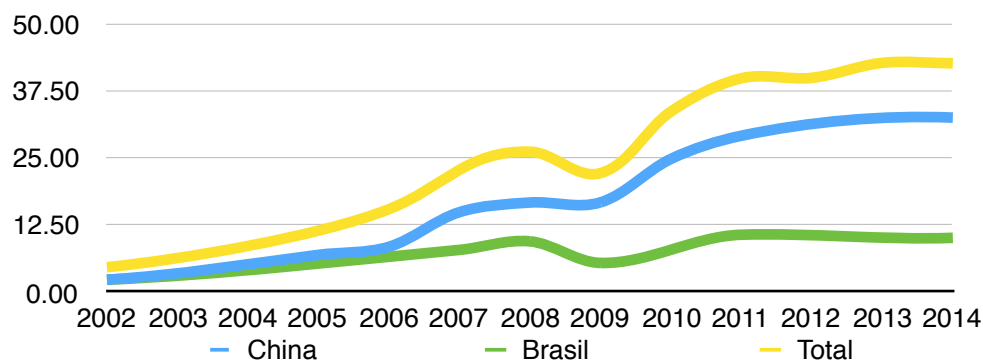
A balança comercial (saldo), mostra que a Argentina apresenta déficit na sua balança de pagamentos em quase todo o período em análise, com relação a ambos os países. A Argentina apresentava superavit comercial em torno de 2 milhões de dólares em 2002, na sua relação com o Brasil. Entretanto passa a obter déficit já em 2003, e não consegue reverter esse quadro até o final do período analisado, mesmo apresentando menores déficits no anos de 2009 e 2014. Em relação a China, a Argentina apresentava superavit até meados de 2006, depois com o aumento de suas importações de produtos chineses, o saldo da balança comercial começou uma tendência de queda e só se intensificou no decorrer dos anos, atingindo em 2014, um déficit em torno de 7 milhões de dólares.

A justificativa da importância entre a economia argentina e a economia brasileira, está fortemente relacionada com seus acordos, evidenciando no Mercosul, e o tamanho das economias desses dois países, sendo as maiores da região. Entretanto, os dados mostram que houve uma diminuição das importações da Argentina de produtos brasileiros em porcentagem nos últimos cinco anos. Enquanto as importações de produtos Chineses aumentaram sua participação, ganhando mercado nesse país, mesmo sem apresentar acordos bilaterais ou proximidade geográfica. Assim, mesmo com preferências tarifárias o Brasil vem perdendo participação no mercado argentino, enquanto a China vem aumentando sua participação e se mostrando cada vez mais presente. Caracterizando uma perda de

competitividade da economia brasileira dentro do comércio internacional com a Argentina.

6.2 CHILE

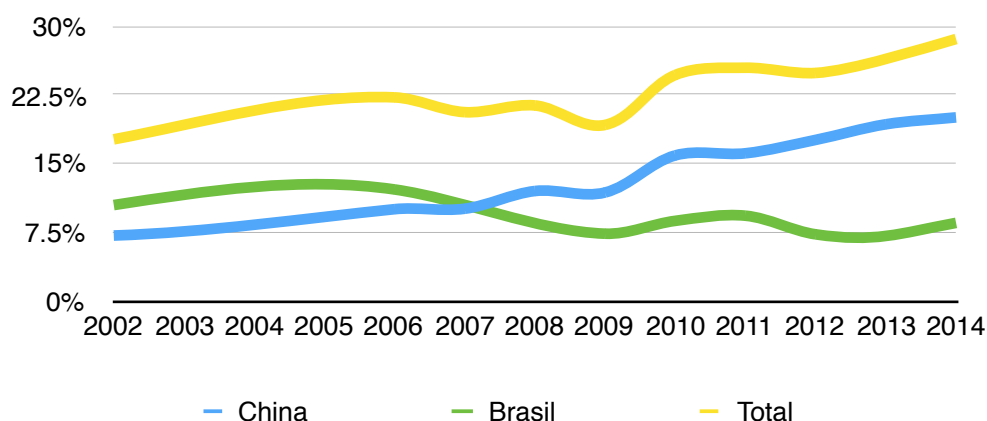
GRÁFICO 05 – FLUXO COMERCIAL DO CHILE COM O BRASIL E A CHINA EM DÓLARES (US\$ MILHÕES).



FONTE: ALADI, Elaboração própria.

Ao observar o fluxo comercial do Chile nos últimos doze anos, é possível notar uma elevação considerável da importância da China dentro da relação comercial chilena, principalmente após 2006. Ao considerar a relação com o Brasil no entanto, houve um aumento pouco significativo até 2008, e devido a crise, houve uma queda acentuada no ano de 2009. Com a recuperação da crise, o fluxo comercial voltou para o patamar anterior a crise e se manteve quase que constante até o final do período.

GRÁFICO 06 – IMPORTAÇÕES DO CHILE ORIUNDAS DO BRASIL E DA CHINA EM (%)

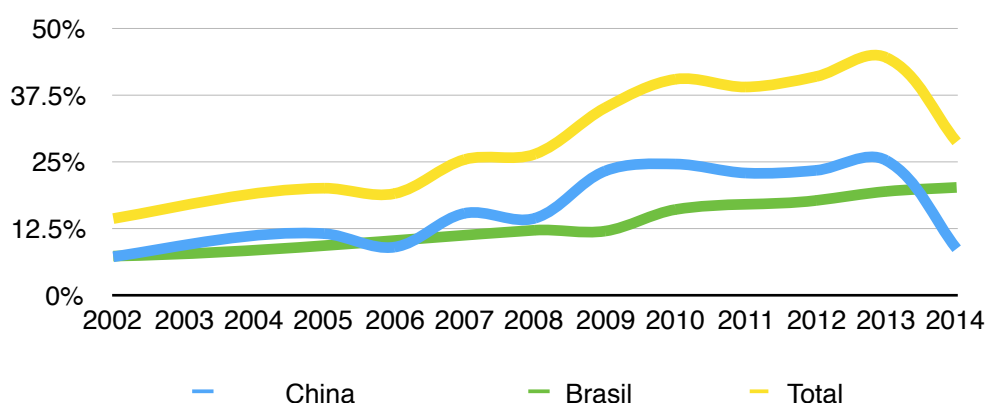


FONTE: ALADI, Elaboração própria.

Ao analisar as importações do Chile, percebe-se que antes de 2006 o Brasil tinha uma participação maior do que a chinesa nesse país, e após esse ano não conseguiu ultrapassar a taxa dos 10%, enquanto a economia chinesa conseguiu aumentar sua participação em algo em torno de 15% no período, obtendo quase 22% do total das importações do Chile em 2014.

Verificando a curva total, observa-se que houve um aumento impulsionado pelas importações de produtos chineses, uma vez que as importações de produtos Brasileiros se mantiveram constantes. A partir disso, é possível notar, que a China começa o período em 2002 obtendo quase 7.5% das importações do Chile e no final do período é o Brasil que assume esse patamar.

GRÁFICO 07 – EXPORTAÇÕES DO CHILE PARA O BRASIL E CHINA PARTICIPAÇÃO DO TOTAL EXPORTADO (%)

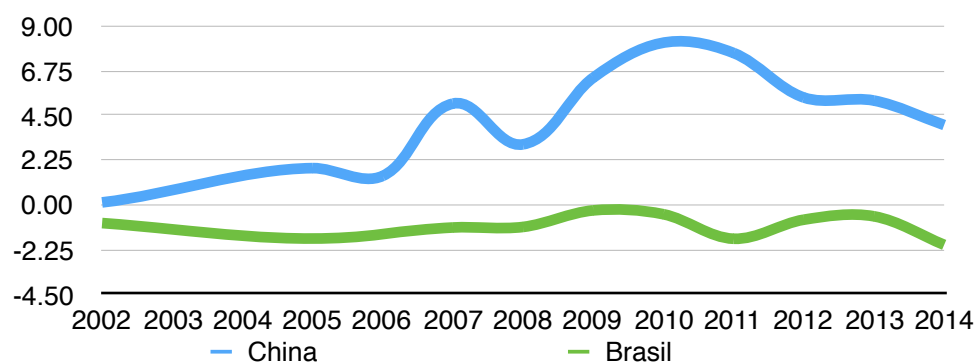


FONTE: ALADI, Elaboração própria.

As exportações do Chile para os dois países em análise, Brasil e China, cresceram durante quase todo o período, no ano de 2014 no entanto, ocorre uma queda brusca das exportações do Chile para a China, acarretando em uma diminuição das exportações. O fato a ser evidenciado nesse gráfico é a importância do Brasil e da China nas exportações desse país, uma vez que nos últimos anos, entre 2010 e 2013, Brasil e China correspondiam, em média, a quase 42% das exportações do Chile, com uma participação da China quase duas vezes maior que o Brasil. No ano de 2014, ocorreu uma queda brusca das exportações chilenas para a China, isso pode ser reflexo da desaceleração chinesa nos últimos anos, atingindo um crescimento do PIB de 7.8% no ano de 2012, 7.7% em 2013 e 7.4 em 2014,

sendo que antes de 2012, a taxa de crescimento da China ficava variando entre 9 e 12% nos últimos dez anos.

GRÁFICO 08 – SALDO DA BALANÇA COMERCIAL ENTRE CHILE - BRASIL E CHILE - CHINA EM MILHÕES DE DÓLARES (US\$)



FONTE: ALADI, ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Ao analisar a balança comercial, pode-se perceber a importância da China para o país, uma vez que apresentou superavit em todo o período observado. Atingindo seu auge no ano de 2010, com um superavit em torno de nove milhões de dólares. Em relação ao Brasil, por outro lado, o país apresentou déficit em todo o período, em média, no valor de um milhão e meio de dólares.

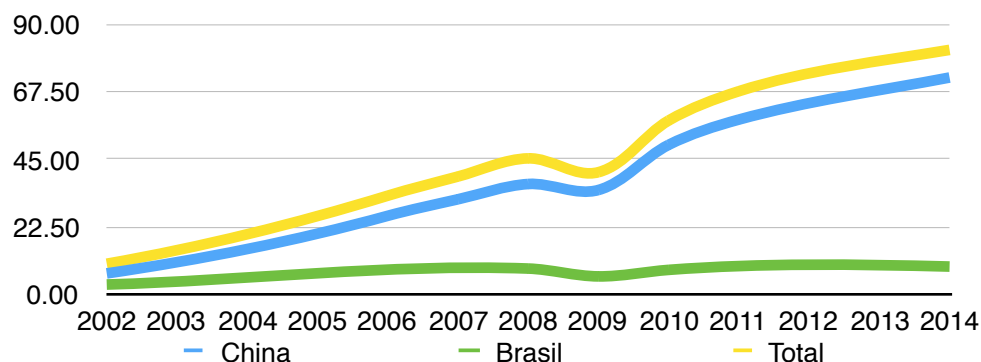
Os fenômenos observados, podem explicar a mudança estratégica chilena em 2006, quando tentou estreitar suas relações com o continente asiático. Assim, o Chile realizou um acordo comercial, em 2005, com países asiáticos, como Japão, China e Cingapura¹³. Como também fez um acordo firmado em 2006, com os países andinos como Colômbia e Peru¹⁴. Esses novos acordos comerciais, justificam a diminuição da porcentagem das importações do Brasil em 2006 e a sua falta de fôlego para conseguir retornar à uma tendência de crescimento do comércio com aquele país. No caso do Chile, fica evidente, como os acordos bilaterais, podem estreitar o laço de comércio entre dois países.

¹³ Ver Pontes Quinzenal, v.1, n.15, 9 ago. 2006 e Pontes Quinzenal, v.1, n.5, 22 mar. 2006

¹⁴ Ver Pontes Quinzenal, v.1, n.17, 20 set. 2006

6.3 MÉXICO

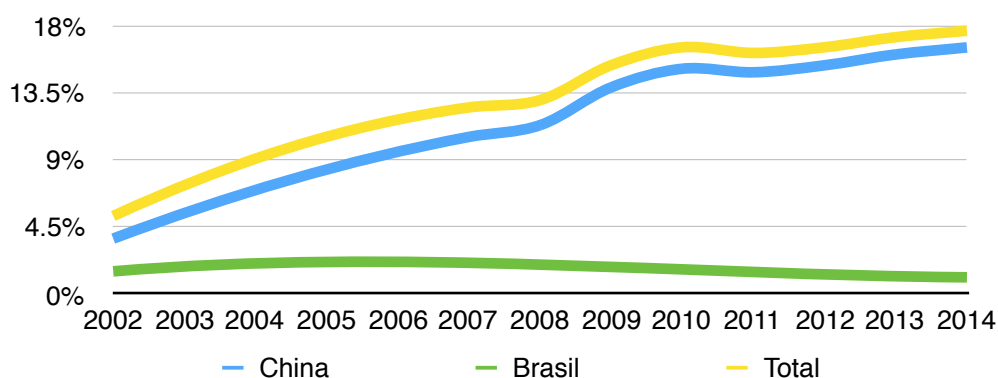
GRÁFICO 09 – FLUXO COMERCIAL DO MÉXICO COM O BRASIL E A CHINA EM DÓLARES (US\$ MILHÕES).



FONTE: ALADI. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Em relação ao México, a China em todo o período sempre teve uma participação muito maior que a do Brasil, e no decorrer dos últimos anos, essa participação só se intensificou. Com essa elevação, chegou a atingir um patamar de quase dez vezes maior do que no início do período, e em apenas doze anos. Enquanto isso, as relações com o Brasil se mantiveram praticamente constantes.

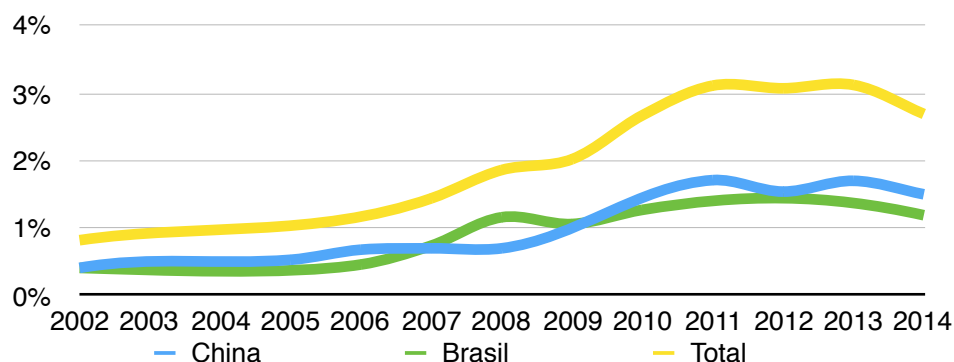
GRÁFICO 10 – IMPORTAÇÕES DO MÉXICO ORIUNDAS DO BRASIL E DA CHINA



(%) FONTE: ALADI. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

A China aumentou sua participação nas importações mexicanas, no início do período era de aproximadamente 3.5%, e passou a ser de quase 17%. Já as importações de produtos brasileiros ficou em torno de 2.0% desse total, e que vem diminuindo no decorrer dos anos.

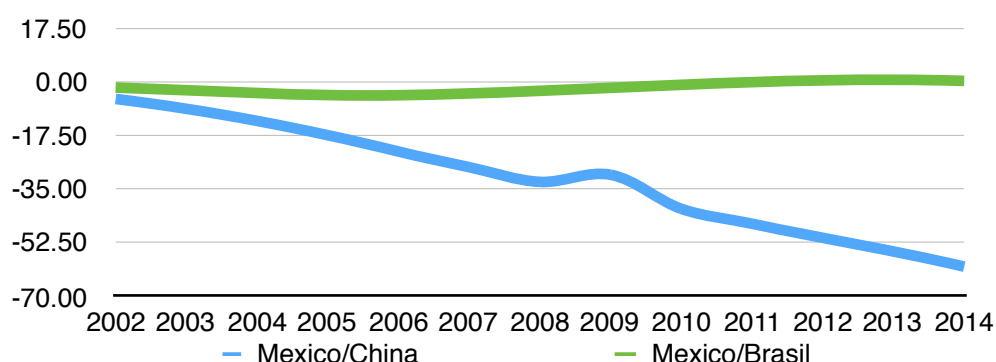
GRÁFICO 11 – EXPORTAÇÕES DO MÉXICO PARA O BRASIL E CHINA PARTICIPAÇÃO DO TOTAL EXPORTADO (%)



FONTE: ALADI. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Diferentemente das importações do México de produtos oriundos do Brasil e da China, as exportações para esses países se mantêm em torno de uma mesma porcentagem, mesmo que o México tenha exportado um pouco mais para a China do que para o Brasil durante todo o período, com exceção do ano de 2008, podendo ser justificado pela crise de 2008. Por fim, está ocorrendo um aumento das exportações de produtos mexicanos para esses dois países nos últimos anos. Com retração principalmente em 2014. Fato que pode ser explicado, pela desaceleração chinesa, como explicado anteriormente.

GRÁFICO 12 – SALDO DA BALANÇA COMERCIAL ENTRE MÉXICO - BRASIL E MÉXICO - CHINA EM MILHÕES DE DÓLARES (US\$)



Fonte: ALADI. Elaboração própria.

O saldo da balança comercial mexicana, se mostrou quase constante em comparação com o Brasil em todo o período analisado, porém, no início apresentava déficit e após 2011, passou a apresentar um pequeno superavit. Em contrapartida, a

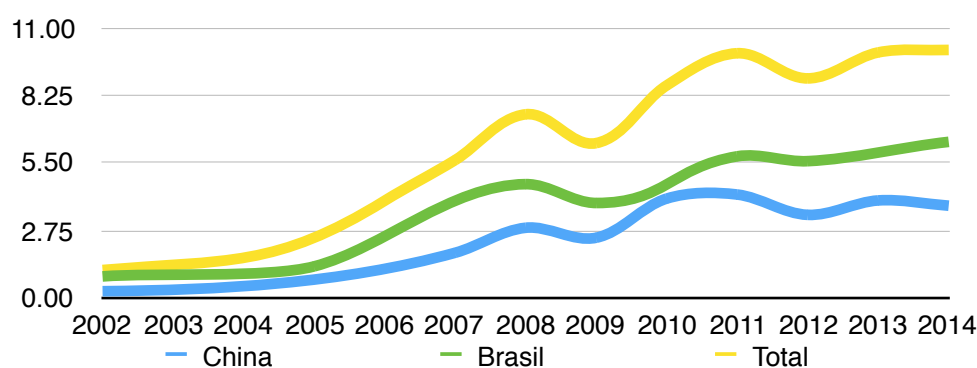
o saldo da balança comercial do México com a China, já apresentava déficit, desde o início, mas, com o decorrer dos anos, aumentou de forma bastante acentuada, chegando em algo próximo de menos sessenta milhões de dólares.

Quanto aos impactos da China para o Brasil, não se pode dizer que foi inexistente, mesmo que o Brasil não tenha perdido ou ganhado mercado nesse país de maneira expressiva. O custo de oportunidade de não participar desse mercado de uma maneira mais presente é muito grande. De acordo com a reportagem da BBC¹⁵, Brasil e México mantêm acordos que reduzem as tarifas de 12% dos produtos negociados entre os dois países, em sua maioria carros e outros itens industrializados, mas o Brasil ainda busca um acordo para a liberalização total do comércio, e com isso, dobrar o fluxo comercial entre os dois países em 2015.

Foi desconsiderado a inserção do México no Acordo Estratégico Transpacífico com a China nessa análise por ser ainda muito recente, porem, pode salientar que se a tendência continuar, esses países vão estreitar ainda mais suas relações econômicas. Mesmo gerando aumento no déficit entre o México e a China.

6.4 PARAGUAI

GRÁFICO 13 – FLUXO COMERCIAL DO PARAGUAI COM O BRASIL E A CHINA EM DÓLARES (US\$ MILHÕES).



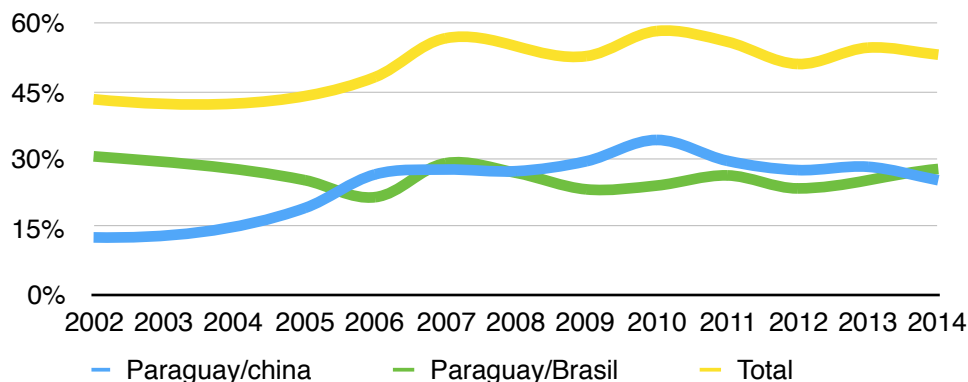
Fonte: ALADI. Elaboração própria.

O fluxo comercial do Paraguai cresceu nos últimos anos, pelo menos ao considerar o fluxo com o Brasil e com a China. No início do período, ambos os países apresentavam quase a mesma participação, mesmo que o Brasil tenha

¹⁵ Reportagem de João Fellet - Enviado especial da BBC Brasil à Cidade do México, para ler reportagem completa, ver referências.

apresentado um fluxo comercial mais intenso com o Paraguai durante todo o período em análise.

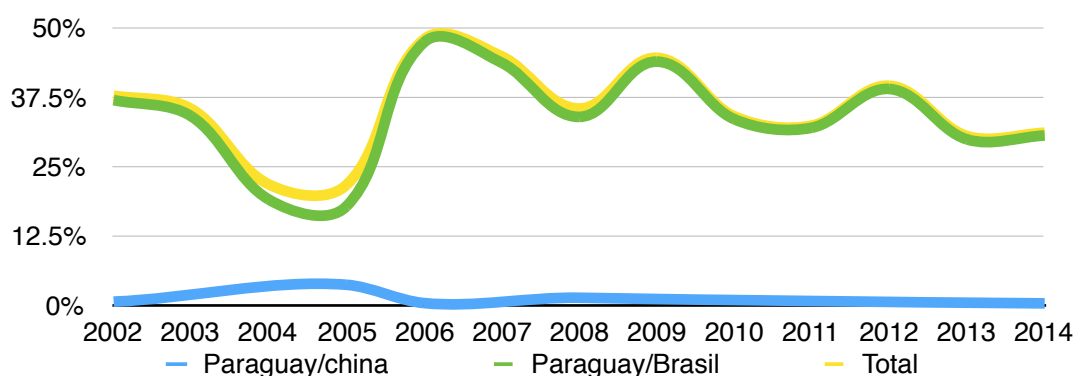
GRÁFICO 14 – IMPORTAÇÕES DO PARAGUAI ORIUNDAS DO BRASIL E DA CHINA (%)



FONTE: ALADI, ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Ao analisar as importações do Paraguai de produtos oriundos da China e do Brasil, ocorre uma diminuição da participação brasileira e um crescimento da participação chinesa no início do período, onde em 2006 o valor dos produtos chineses ultrapassou o total das importações em relação aos produtos brasileiros nesse país. Depois desse ano, as exportações do Brasil superaram a chinesa em 2007 e em 2013 e se manteve maior em 2014.

GRÁFICO 15 – EXPORTAÇÕES DO PARAGUAI PARA O BRASIL E CHINA PARTICIPAÇÃO DO TOTAL EXPORTADO (%)

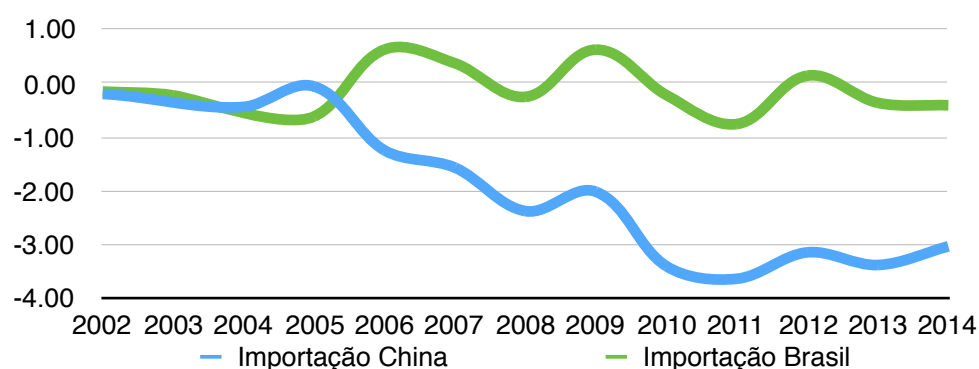


FONTE: ALADI, Elaboração própria.

Ao ver pela ótica das exportações de produtos paraguaios tanto para o Brasil quanto para China, percebe-se que o Brasil tem um papel fundamental nas

exportações desse país, mesmo com algumas oscilações bruscas, principalmente nos anos de 2005 e 2006, se mostrou em média constante na casa dos 37%. As exportações para a China, no entanto, são bem menos expressivas, atingindo a taxa máxima observada de 3.5% em 2005 e depois entrou em queda, após esse ano. As exportações do Paraguai para a China não chegaram a corresponder mais do que 1% nas exportações totais desse país.

GRÁFICO 16 – SALDO DA BALANÇA COMERCIAL ENTRE PARAGUAI - BRASIL E PARAGUAI - CHINA EM MILHÕES DE DÓLARES (US\$)



FONTE: ALADI, Elaboração própria.

O saldo da balança comercial paraguaia, se mostrou quase constante em comparação com o Brasil em todo o período analisado, oscilando entre momentos de deficit e momentos de superavit. Ao verificar o saldo da balança comercial do Paraguai com a China, já apresentava déficit, desde o início, mas, com o decorrer dos anos, quase triplicou o valor do déficit, chegando em um valor próximo de menos 3,5 milhões de dólares em 2010 e oscilando em torno desse valor desde então.

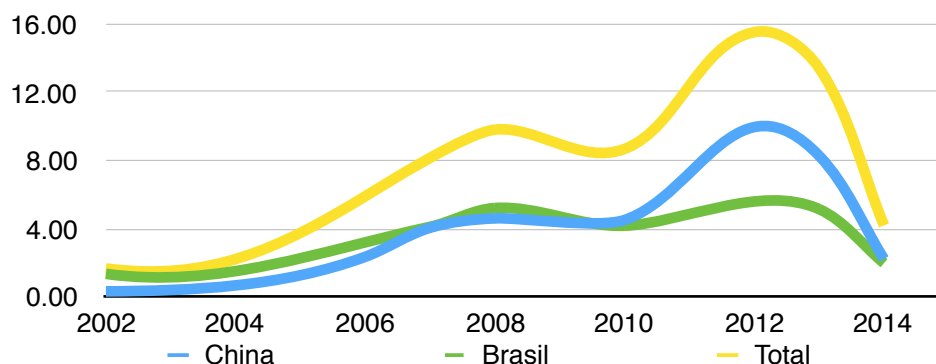
Portanto, pelo movimento das curvas das importações, percebe-se uma proporção inversa entre a demanda de produtos chineses e produtos brasileiros, onde quando aumentam as importações de produtos chineses, acarreta em uma diminuição das importações oriundas do Brasil. Mesmo com os benefícios do Mercosul, ocorre uma mesma proporção de aumento das importações oriunda da China, mesmo que está não apresente nenhum tipo de acordo com o Paraguai.

Caso o Paraguai não fosse membro do Mercosul, a economia brasileira poderia ter perdido ainda mais mercado no Paraguai com a penetração chinesa, e se por ventura a China consiga realizar acordos com o Paraguai, ou até mesmo com o

Mercosul, pode haver uma perda ainda maior das exportações da economia brasileira para a região.

6.5 VENEZUELA

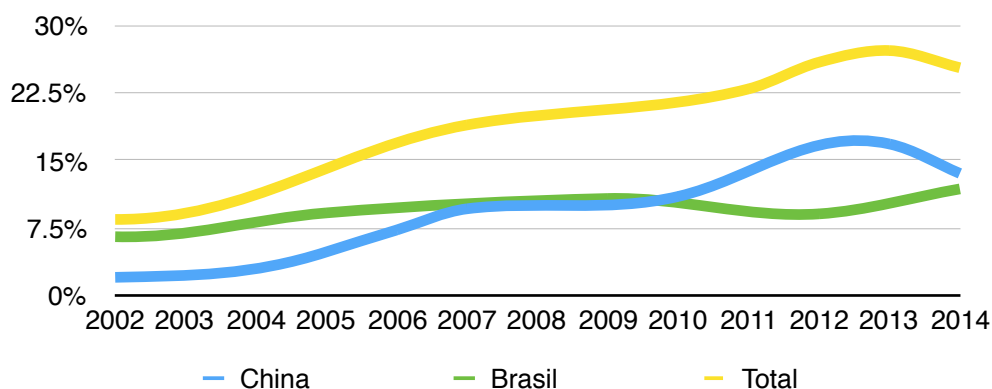
GRÁFICO 17 – FLUXO COMERCIAL DA VENEZUELA COM O BRASIL E A CHINA EM DÓLARES (US\$ MILHÕES).



FONTE: ALADI, ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

O fluxo comercial da Venezuela, com o Brasil e com a China, cresceu nos últimos anos, mesmo com uma queda bruta no ano de 2014 de ambos os países. Porém é necessário destacar que houve um aumento substancial no ano de 2012 da participação Chinesa, mas foi seguida de uma tendência de queda que colocou o Brasil e a China em um mesmo nível de fluxo.

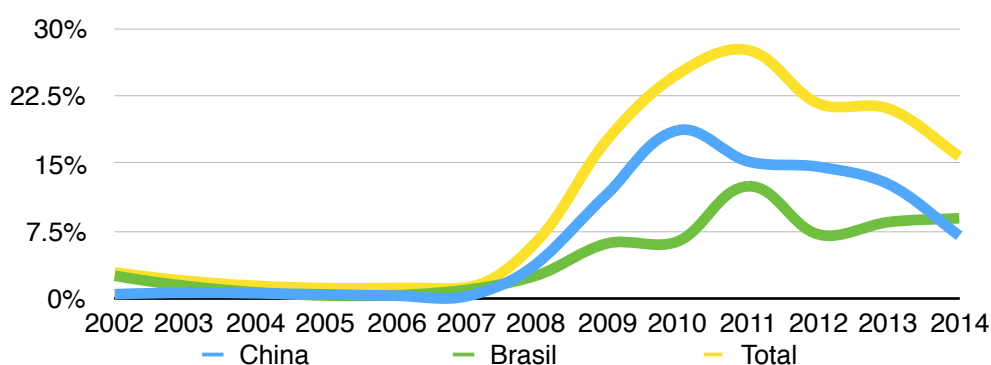
GRÁFICO 18 – IMPORTAÇÕES DA VENEZUELA ORIUNDAS DO BRASIL E DA CHINA (%)



FONTE: ALADI, Elaboração própria.

Ao observar o gráfico das importações da Venezuela de produtos oriundos do Brasil e da China, percebe-se uma tendência de aumento das importações durante quase todo o período em análise. Ocorre uma queda de participação para ambos após a crise de 2008 até 2010 e, depois, uma queda expressiva em 2014 da participação chinesa, aparentemente devido a problemas internos do país. Mesmo com essa queda brusca da China, as porcentagens de participação dos dois países se mantiveram próximas. A presença dos produtos chineses na região aumentou de forma expressiva durante quase todo o período, chegando a ser quase o dobro das importações dos produtos brasileiros em 2012.

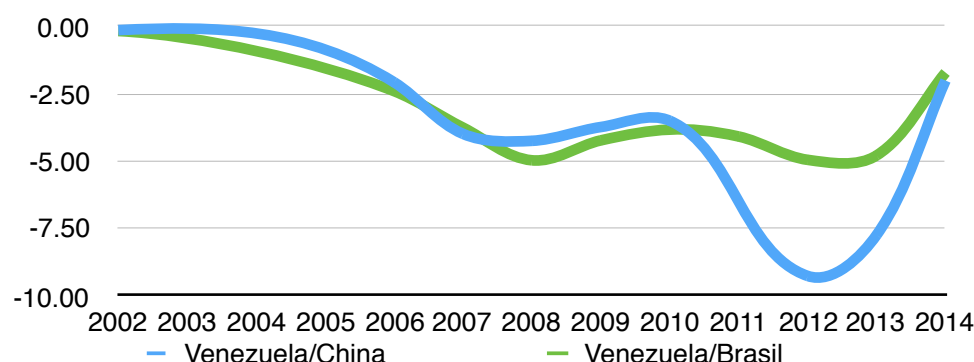
GRÁFICO 19 – EXPORTAÇÕES DA VENEZUELA PARA O BRASIL E CHINA EM (%)



FONTE: ALADI, Elaboração própria.

As exportações da Venezuela se mantiveram constantes para o Brasil e China, até o ano de 2007. Após esse ano, houve um aumento das exportações para ambos os países, com crescimento das importações chinesas maior do que do Brasil de produtos venezuelanos. Entretanto, no ano de 2013 as exportações para a China entram em decadência e no ano de 2014, as exportações para o Brasil superam as exportações para a China.

GRÁFICO 20 – SALDO DA BALANÇA COMERCIAL ENTRE VENEZUELA - BRASIL E VENEZUELA - CHINA EM MILHÕES DE DÓLARES (US\$)



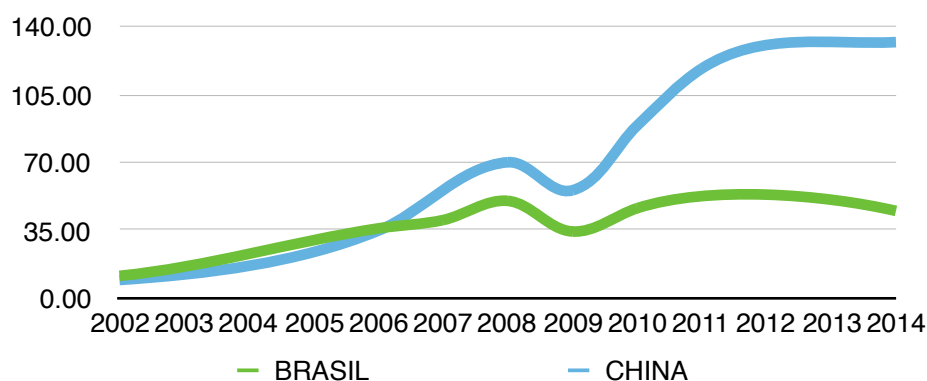
FONTE: ALADI, ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

A Venezuela apresentou déficit comercial com ambos os países, tanto com o Brasil, quanto com a China. O crescimento do Déficit foi aumentando na mesma proporção com os dois países até 2008, e volta a diminuir até 2011. No ano de 2012 por outro lado, as importações de produtos chineses aumentou acima da media, o que gerou um aumento no déficit em torno de três vezes, voltando depois a se igualar com o deficit com o Brasil em 2014.

6.6 Análise Geral

Ao analisar o contexto geral, o maior impacto aparente causado pela China dentro da América Latina, pelo menos no que concerne a esses países, foi no âmbito das importações. Quanto as exportações, fica claro que estas seguiram um fluxo natural, não gerando grandes impactos, tal como foram verificados pelas importações e consequentemente sobre o aumento do Déficit comercial em relação com a China. O gráfico 21 ilustra como ocorreu e com qual intensidade, aumentaram as importações da América Latina de produtos oriundos da China e do Brasil.

GRÁFICO 21 – ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DA CHINA E DO BRASIL DENTRO DA AMÉRICA LATINA EM RELAÇÃO AS IMPORTAÇÕES: VALOR TOTAL DE BENS EXPORTADOS (US\$)



FONTE: ALADI, ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

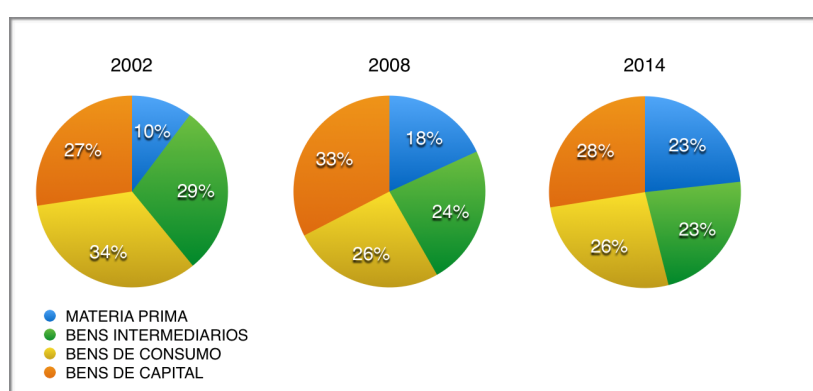
A participação das importações do Brasil e da China para a América Latina, segundo o gráfico, mostra claramente um aumento das exportações chinesas para a região, enquanto as brasileiras se mantiveram praticamente constantes após 2010. Com isso, não fica necessariamente evidente que ocorreu um impacto direto sobre as exportações brasileiras para a América Latina. Todavia, ao considerar que a participação chinesa aumentou enquanto a participação brasileira se manteve constante, evidenciando uma perda de sua competitividade, por não conseguir acompanhar ou mostrar nenhum crescimento aparente. Isso prejudica o Brasil ao considerar o custo de oportunidade, de não conseguir expandir suas exportações para a região.

Ainda no âmbito da competitividade, mostra que o Mercosul impede um perda maior para o Brasil na região. Mesmo que nos próximos anos, provavelmente, a China vá conseguir firmar cada vez mais acordos com a região, como fez com o Chile, o Peru e o México. Se essa tendência se confirmar, o Brasil terá mais problemas para enfrentar se nada for feito para impedir que essa tendência se confirme para os próximos anos.

7.0 ANÁLISE DA PAUTA EXPORTADORA DO BRASIL E DA CHINA PARA A REGIÃO.

A divisão da pauta de exportação por tipos de produtos, permite uma visualização mais desagregada da finalidade dos bens¹⁶, mesmo apresentando um caráter bastante abrangente. Os gráficos abaixo resumem a participação das quatro classes nas exportações brasileiras, primeiramente, e depois das exportações chinesas para a região, nos anos de 2002, 2008 e 2014.

GRÁFICO 22 - COMPOSIÇÃO DA PAUTA EXPORTADORA DO BRASIL NOS ANOS DE 2002, 2008 E 2014 PARA A AMÉRICA LATINA.



FONTE:WITS, ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Ao analisar a pauta exportadora brasileira para a região no decorrer desses anos, os produtos classificados como matéria-prima tiveram suas participações elevadas no decorrer dos anos. Ocorreu uma reprimarização¹⁷ da pauta exportadora do Brasil para a América Latina, sua participação foi elevada de 10% em 2002, para 23% em 2014, assim, conseqüentemente houve diminuição na participação dos outros tipos de bens, como bens intermediários, consumo e de capital.

A alavancagem pode ter ocorrido, entre outras coisas, devido ao “boom” dos preços das *commodities* no ano de 2002, e conseqüentemente pode ter atraído maiores exportações desses bens, influenciado por maiores lucros. Pensando pela linha de raciocínio neoclássica, o país deve se especializar em áreas onde consiga extrair o benefício das “Vantagens Comparativas” e assim alocar seus recursos de

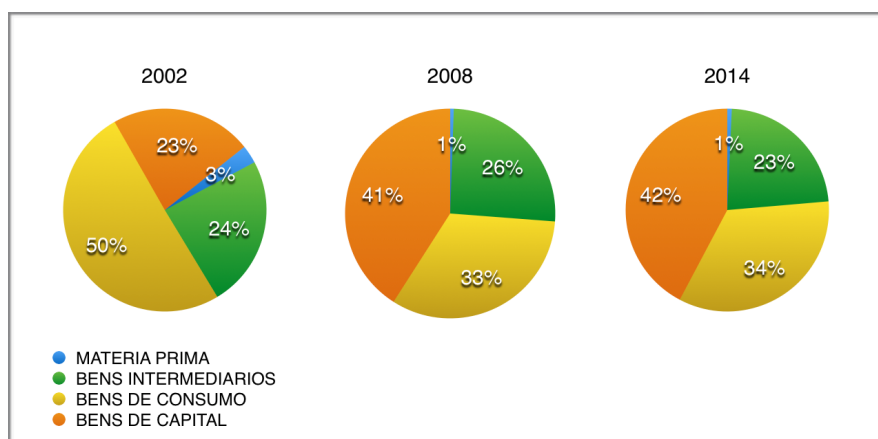
¹⁶ Como explicados na metodologia

¹⁷ “Reprimarização” é um termo usado para indicar um dos principais efeitos da reestruturação produtiva brasileira: os setores intensivos em recursos naturais e trabalho se mantiveram mais diversificados e com inserção externa ampliada, diferentemente dos setores intensivos em capital e tecnologia.

maneira racional, e no caso do Brasil, especializando-se principalmente em bens primários.

Outro fator que estaria fazendo aumentar a participação de bens primários exportados do Brasil para a região é a modernização das tecnologias do agrobusiness brasileiro, energia e extração de minerais, tendo mais competitividade nessa área. Mesmo que a pauta exportadora se mostre bastante diversificada, mantendo uma proporção de aproximadamente um quarto para cada categoria, existem alguns empecilhos em se especializar cada vez mais dentro do segmento de bens primários. Esses produtos não possuem nenhum tipo de diferenciação ou poder de mercado, além da falta de valor agregado e a alta volatilidade de fatores externos, como variações cambiais e condições climáticas, que podem deixar a economia do país mais fragilizada e vulnerável. Além do mais, a abundância de exportações de recursos naturais pode induzir a uma redução da participação da indústria no emprego e no valor adicionado por intermédio da apreciação cambial, a qual resulta em perda de competitividade da indústria e déficit comercial crescente.

GRÁFICO 23 - COMPOSIÇÃO DA PAUTA EXPORTADORA DA CHINA NOS ANOS DE 2002, 2008 E 2014 PARA A AMÉRICA LATINA.



FONTE: WITS, ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

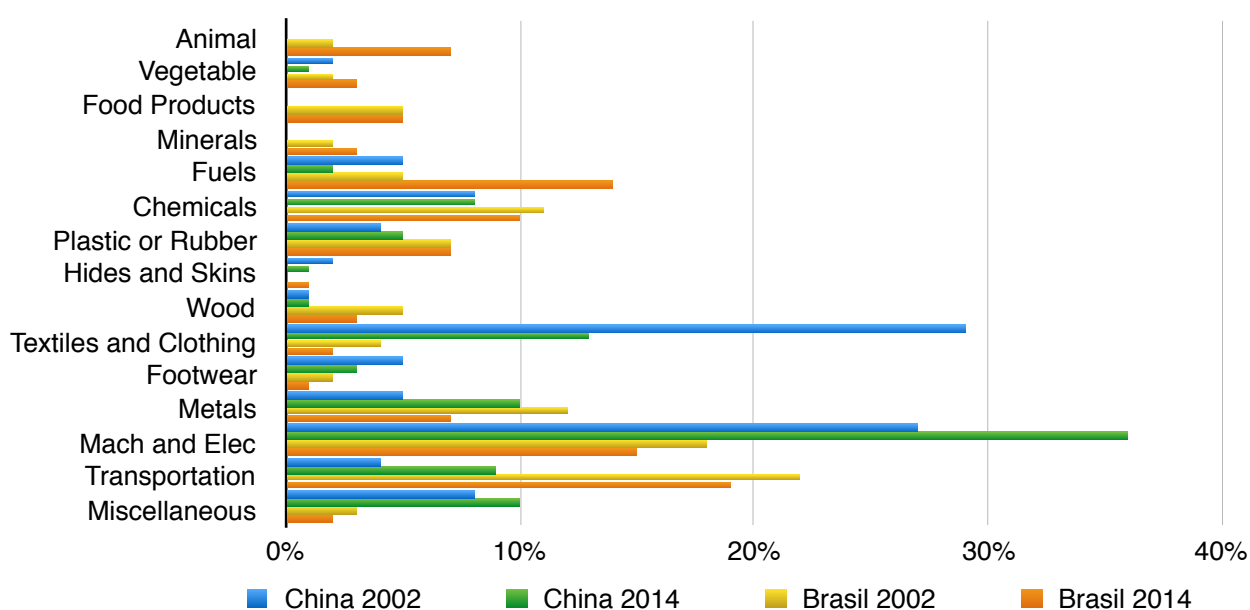
Ao analisar a pauta exportadora da China nesses três períodos de tempo distintos, a participação de produtos classificados como matéria-prima é mínimo, diferentemente do Brasil. A participação em 2002 era apenas 3% e em 2014 diminuiu para apenas 1%. O fato curioso, e que mais chama atenção da pauta exportadora chinesa, ocorre pelo fato de a China ser um país intensivo em mão de

obra, como o Brasil, conseguir dobrar sua porcentagem de produtos intensivos em capital para a América Latina, contrariando a teoria Neoclássica.

Porem para Porter, isso é justificável, porque para ele, é a escassez e não a abundância de um fator que permite que uma indústria se torne mais competitiva. Pois em um ambiente mais limitado, o país irá fazer esforços maiores para compensar essa desvantagem através de inovações.

Já os produtos classificados como bens intermediários, mantiveram uma taxa estável de participação nas exportações chinesas para a região, variando em torno dos 24%. Enquanto os bens de consumo, que antigamente compunha 50% da pauta exportadora Chinesa caiu para 34% em 2014, resultando em uma queda de 16%. Essa diminuição está associada a maior participação dos bens de capital, que apresenta maiores retornos devido a sua maior complexidade e diferenciação.

GRÁFICO 24 – COMPOSIÇÃO DA PAUTA EXPORTADORA POR PRODUTOS EM PORCENTAGEM DA CHINA E DO BRASIL NOS ANOS DE 2002 E 2014 PARA A AMÉRICA LATINA.



FONTE: WITS, ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

A China vem tendo uma penetração com produtos cada vez mais intensivos em capital, perdendo uma grande porcentagem de produtos no segmento de vestuário e têxteis e um aumento expressivo em produtos da categoria de máquinas e eletrônicos. Portanto, uma inserção regressiva da pauta exportadora brasileira na

AL, geralmente esse fenômeno está associado a perda de competitividade internacional da indústria de um país. O gráfico acima, mostra uma certa relação oposta entre o Brasil que contrai sua participação, conforme a China aumenta sua atuação no mesmo segmento, como pode ser observado no setores de maquinarias e eletrônicos, transportes e Metais.

O aumento da participação chinesa na região deve reduzir a competitividade dos produtos brasileiros de maior valor agregado e o força, assim, a aumentar a quantidade de produtos primários, produtos que a China não é tão presente na América Latina para que continue participando do comércio internacional na América Latina.

7.1 COMPLEMENTARIEDADE COMERCIAL

Como informado na metodologia, será explicada a relação de complementariedade do Brasil e da China com a América Latina.

Devido ao aumento das exportações da China para a América Latina e o declínio das exportações brasileiras para a região, o índice de complementariedade serve para identificar como a pauta exportadora desses países complementam as economias de destino. E assim, tentar identificar se o fenômeno analisado é apenas perda de competitividade ou se houve uma perda de interesse dos produtos por motivos de não ser mais tão necessários para os países destinos.

TABELA 01 - ÍNDICE DE COMPLEMENTARIEDADE DE COMÉRCIO - ICC - CHINA E BRASIL PARA A AMÉRICA LATINA – ENTRE 2002 E 2014

ICC	2002	2004	2006	2008	2010	2012	2014
BRASIL	52.63	53.24	58.15	55.49	51.01	50.38	47.31
CHINA	67.35	65.22	65.52	63.25	62.92	62.08	63.37

FONTE: WITS, ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

O índice deixa claro que a pauta exportadora da China desde 2002 é mais complementar que a do Brasil para a América Latina. Além disso, a pauta exportadora do Brasil passou a ser classificada como baixa complementariedade no ano de 2014, pois o índice apresentou um valor abaixo de 50, fator explicado pelo aumento dos bens primários para região. Quando um país apresenta uma pauta exportadora mais complementar para outro país, é possível que haja um possível aparecimento de novos acordos entre esses países. Como uma das vantagens do

Brasil dentro da América Latina ainda são seus acordos comerciais, como o Mercosul e a integração promovida pela ALADI. A China já vem estudando uma possível estruturação de novos acordos na região, como fez com o México, Peru, Chile e Colômbia. Essa complementariedade pode ser fator decisivo para que novos acordos realmente sejam realizados, impactando negativamente o desempenho das exportações brasileiras para a América Latina.

Segundo a teoria de Linder, o comércio internacional é uma extensão do comércio local, e pela teoria de Porter, a condição da demanda é essencial para que um país seja competitivo em um determinado segmento. O índice de complementariedade comercial, mostra que o Brasil está perdendo condição de demanda dos seus bens para a região. Tal fato ocasiona uma perda na condição de investimentos que gerem retornos em escalas. Além disso, os países da América Latina, possuem um padrão de consumo parecido com o do Brasil, em sua grande maioria. Como os produtos de bens de capital são os mais importados, inclusive pelo Brasil, a China ficará cada vez mais presente, uma vez que sua pauta exportadora só aumenta nessa categoria.

7.2 VALORES MÉDIOS EXPORTADOS PARA A AMÉRICA LATINA SEPARADOS POR TIPOS DE BENS

Ao verificar os valores médios¹⁸ das categorias durante o período analisado, verifica-se que a China se mostrou mais competitiva em bens de consumo e bens de capital durante todo o período. Essa diferença foi aumentando no decorrer dos anos em sua grande maioria. Porém, como já era esperado, o valor médio das matérias-primas da economia brasileira no ano de 2014 foi bem menor do que o valor médio registrado pela economia chinesa.

¹⁸ Valor total das exportações dividido pela quantidade

TABELA 02 - VALOR MÉDIO DAS EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA CHINA PARA AMÉRICA LATINA – ENTRE 2002 E 2014

País	Brasil	China	Brasil	China	Brasil	China
Ano	2002	2002	2008	2008	2014	2014
Materia Prima	0.08	0.05	0.41	0.41	0.44	1.42
Bens Intermediarios	0.52	0.51	1.12	1.23	1.14	0.11
Bens de Consumo	1.84	0.88	2.58	2.58	3.19	2.71
Bens de Capital	4.05	1.18	14.46	3.49	14.43	3.92

FONTE: WITS, ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

8.0 ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS

Pelas informações obtidas a China vem estreitando suas relações junto a América Latina, e exportando cada vez mais para a região. Criando desvantagens para o Brasil, onde acaba limitando a oportunidade de expandir o comércio e havendo a necessidade de buscar uma participação maior de bens primários, para assim, evitar a competitividade dos produtos manufaturados chineses.

Segundo Ariane da Silva¹⁹: “Na China, existe mão de obra abundante, produtividade crescente, Estado intervencionista, além de uma moeda desvalorizada” (Da Silva, 2011). Fruto do plano de Deng Xiaoping²⁰, que realizou a abertura da economia chinesa para os investimentos estrangeiros e o incentivo ao comércio internacional, com o objetivo de promover as exportações. Para tanto, entre outras medidas, as exportações foram isentas do pagamento de qualquer imposto, incentivo este que foi estendido também às importações de equipamentos e matérias primas destinados à produção para o mercado externo (Yucing, 2013). Na medida em que tais medidas obtiveram êxito, a China conseguiu aumentar de maneira significativa sua presença no mercado internacional, inclusive na América Latina nos últimos anos, como mostraram os resultados obtidos.

¹⁹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Economia, e sua tese defendida em Março de 2011 - Competitividade dos produtos chineses afeta indústria brasileira.

²⁰ Deng Xiaoping, foi líder do estado comunista chinês de 1978 até 1992.

Além disso, está ocorrendo uma perda de sintonia da produção brasileira, com a demanda local e com o resto da América Latina. Esta tendência acarreta em perdas de complementariedade comercial com os demais países da região e, conseqüentemente, uma maior perda de participação comercial dos produtos industrializados brasileiros.

A baixa elasticidade de demanda dos bens primários, pode restringir, ainda mais, o aumento das exportações. Isso pode explicar porque as exportações brasileiras para a América Latina se mostram estagnadas entre 2010 e 2014. Diferentemente para a China, suas exportações para a região se mostraram em ascensão durante quase todo o período em análise. Caso o Brasil não adote políticas ativas no sentido de mudar sua posição perante o mercado internacional na região, estará condenado a permanecer na posição atual, sem conseguir expandir seu mercado e susceptível às variações do mercado.

Para que o Brasil volte a expandir suas exportações para a América Latina, vai precisar melhorar sua competitividade. De acordo com um ranking elaborado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI)²¹, entre 2002 e 2012, o chamado custo unitário do trabalho (CUT) em dólares cresceu significativamente na comparação com o dos concorrentes analisados. Destaca-se principalmente a perda de produtividade, muitas vezes associada a falta de inovação. Este fato é considerado de extrema relevância, uma vez que, quanto maior a sofisticação tecnológica nos processos produtivos, maior a capacidade de gerar efeitos multiplicadores de renda e emprego, como também para produzir e difundir inovações para o restante da economia.

Portanto, segundo Porter (2000, p. 205) “indústrias internacionalmente competitivas são aquelas cujas empresas têm capacidade e vontade de melhorar e inovar para criar e manter uma vantagem competitiva”. Caso contrário, ficará em uma situação cada vez pior, o que vem ocorrendo no Brasil nos últimos anos

²¹ Reportagem por CRISTIANE BONFANTI para O GLOBO, “Brasil é o país que mais perde em competitividade, revela CNI”. <<http://oglobo.globo.com/economia/brasil-o-pais-que-mais-perde-em-competitividade-revela-cni-15414001#ixzz3qNODB900>> Acesso em 01/11/2015.

9.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A América Latina é a região que mantém-se como importante destino da produção industrial brasileira. Apresentam uma composição econômica e política diferenciadas, com características de relações comerciais com direcionamento pró-América Latina, como uma extensão natural do próprio Mercosul. Os resultados da pesquisa mostra que o Brasil não está tão preparado para encarar os desafios gerados pela competitividade chinesa na região, o que estimulou uma queda substancial de competitividade da produção industrial brasileira, e os bens exportados de matérias-primas começou a ficar cada vez mais presente em sua pauta exportadora²².

Depois de analisar as relações comerciais entre Brasil e China com a América Latina nos últimos 12 anos, ficou claro que uma maior presença da economia Chinesa gerou impactos negativos para as exportações brasileiras para a região. Mas aparentemente o Brasil não está enfrentando diretamente a China, e passa a adotar medidas provisórias, ocasionando pela reprimarização da pauta exportadora, que ajudam a suavizar esses impactos no curto prazo, porém, apresentam efeitos negativos no longo prazo. Essa visão de curto-médio prazo, focada no aumento das exportações de *commodities*, que têm gerados ganhos de exportações derivado dos altos preços, acabam postergando o desenvolvimento de um setor industrial competitivo e inovador.

Os resultados do presente trabalho, considerando os países da América Latina como mercado de destino das exportações, permitiram observar que a concorrência da China com o Brasil nesse mercado vem se tornando cada vez mais acirrada, devido ao aumento da presença chinesa. O aumento da participação do comércio chinês vem crescendo a um ritmo muito superior ao do Brasil, e o superou em 2006. A presente ameaça é ainda maior para os produtos com maior tecnologia agregada, como equipamentos eletrônicos, máquinas e bens de transporte, porém o Brasil consegue diminuir os impactos diretos diversificando sua pauta exportadora com mais presença de matérias primas, assim como faz com o resto do mundo.

²² Neste contexto, reinicia-se no país o debate acerca do possível processo de desindustrialização, que poderia resultar da combinação em longo períodos de câmbio valorizado e aumento dos preços das *commodities*.

REFERÊNCIAS

_____, A presença da China na América do Sul: características, impactos e perspectivas. **ICTSD**, Switzerland. Leia sempre o original. Disponível em: <<http://www.ictsd.org/bridges-news/pontes/news/a-presença-da-china-na-américa-do-sul-caracter%C3%ADsticas-impactos-e>>. Acesso em 14 de Outubro de 2015

_____, Acordos comerciais da América do Sul: unidade ou fragmentação. **ICTSD**, Switzerland. Leia sempre o original. Disponível em: <<http://www.ictsd.org/bridges-news/pontes/news/acordos-comerciais-da-am%C3%A9rica-do-sul-unidade-ou-fragmenta%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em 20 de Outubro de 2015

_____, Boletim estatístico AMÉRICA LATINA- ÁSIA- PACÍFICO. **Observatório**. Leia sempre o original. Boletim número 1. Primeiro semestre. 2012. Disponível em: <http://www.aladi.org/boletinObservatorio/BoletinISemestreALADI-CAF-CEPAL_Port.pdf>. Acesso em 20 de Outubro de 2015

BUAINAIN, S. J. **Comércio Internacional e Crescimento Econômico no Brasil**. Brasília 2011. Disponível em: <<http://funag.gov.br/loja/download/864-comércio-internacional.pdf>>. Acesso em: 13/05/2003

DA SILVA, A. **Competitividade dos produtos chineses afeta indústria brasileira, Pernambuco**, 2011

FINDLAY, R.; LINDGREN, H.; LUNDAHL, M. ;Eli Heckscher, **International Trade, and Economic History**, Ilus, 2006.

FOSCHETE, M. **Relações Econômicas Internacionais**. São Paulo: Aduaneiras, 1999.

ARNDT, S.; KIERZKOWSKI, H., **Fragmentation: new production patterns in the world economy**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

HIDALGO, Á. B. **O intercâmbio comercial brasileiro intra-indústria: uma análise entre indústrias e entre países.** Revista Brasileira de Economia, 47 , 1993

HOEKMAN, B., MATTOO, A. E ENGLISH, P. **Development, trade and the WTO,** 2002

HUFBAUER, G. C., The impact of national characteristics and technology on the commodity composition of trade in manufactured goods, **The technology factor in international trade**, R. Vernon, ed., New York: Columbia, 1970.

KENEN, P. **Economia Internacional: teoria e política.** Rio de Janeiro: Campus, 1998.

KRUGMAN, P. R. **Intraindustry specialization and the gains from trade.** The Journal of Political Economy, 1981.

KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M. **Economia internacional - Teoria e Política.** São Paulo: Makron Books, 1999.

LOPES, R. R. e CARVALHO, C. E. **Acordos Bilaterais de Comércio como Estratégia de Inserção Regional e Internacional do Chile.** Campinas, vol. 32, n. 2, julho/dezembro 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cint/v32n2/v32n2a11.pdf>>2010>. Acesso em: 17/10/2015.

LINDBECK, A. **Economics**, World Scientific Publishing Co., Singapore, 1992

PEDUZZI P. Leia sempre o Original. **Agência Brasil**, Brasília. 28 de maio de 2010. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2010-05-28/brasil-precisa-fortalecer-comercio-com-vizinhos-para-reduzir-perda-de-mercado-para-china>> Acesso em: 03/10/2015.

_____, Perda da competitividade é maior problema do país diz representante da FIESP. **Jornal do Senado**, Brasília. Leia sempre o original, 29 maio 2003. Disponível em: <<http://www12.senado.gov.br/jornal/edicoes/2012/05/29/perda-da->

competitividade-e-maior-problema-do-pais-diz-representante-da-da-fiesp/imprimir_materia_jornal>. Acesso em: 24/10/2015.

PORTER M. E. **The Competitive Advantage of Nations**. New York, Free Press, 1990.

PORTER, M. E. **Competição On Competition: estratégias competitivas essenciais**. Rio de Janeiro: Campus , 1999.

PORTER, M. E. **Estratégia Competitiva – Técnicas para análise de indústrias e da concorrência**. 18ª Edição. São Paulo-SP: Campus, 1986.

RICARDO, D. **Princípios de Economia Política e Tributação**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

VASCONCELOS, C. R. F. **O comércio Brasil-Mercosul na década de 90: uma análise pela ótica do comércio intra-indústria**. Revista Brasileira de Economia, 57 (1): 283-313, 2003.

VERNON, R. **International investment and international trade in the product cycle**. Oxford, 1966.

VINER, J. **Studies in the Theory of International Trade**. New York: Harper & Bros, 1937.

YUCING, G. **China: O impacto das reformas econômicas chinesas dentro e fora do país**, 2013. Disponível em: <<https://pucminasconjuntura.wordpress.com/2013/09/07/china-o-impacto-das-reformas-economicas-chinesas-dentro-e-fora-do-pais/>> ACESSO EM: 02/11/2015.